

Ministério

MAR-ABR · 2020

Uma revista para pastores e líderes de igreja



Exemplar avulso: R\$ 16,28

00548



ISSN 2236-7071



9 477223647071071



O PODER DOS RELACIONAMENTOS

Como estabelecer laços que transformam vidas

Armadilhas da exposição digital + Elementos fundamentais da pregação + Como lidar com o déficit relacional

Evidências do juízo pré-advento em Daniel 8 + Reavivamento e reforma em Malaquias

Conheça os caminhos certos
para compreender a mensagem
da Palavra de Deus



cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



Baixe o
aplicativo
CPB



Ministério



10

10 **Embaixadores de Cristo**
Wellington Barbosa
O ministro na função de diplomata do reino de Deus

14 **A hora do julgamento**
Roy Gane
Evidências do juízo pré-advento em Daniel 8



14

5 Editorial
7 Entrelinhas
8 Entrevista
27 Lições de vida
32 Dicas de leitura
34 Reflexão
35 Palavra final

18 **Enredados**
Rafael Rossi
O pastor e as armadilhas da exposição digital

22 **Pregue a Palavra**
Geraldo Beulke Júnior
Dicas para preparar sermões que fortalecem a fé e transformam o coração

24 **Tempo de despertar**
L. R. Van Dolson
Reavivamento e reforma na mensagem de Malaquias

28 **Balança emocional**
Roger Hernandez
Como lidar com o déficit relacional no ministério



24

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 92 – Número 548 – Mar/Abr 2020
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa
Editor Associado Márcio Nastrini
Revisoras Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber
Capa Metamorworks / Adobe Stock

Ministério na Internet
www.revistaministerio.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
Twitter: @MinisterioBRA
Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial Lucas Alves; Daniel Montalvan;
Adolfo Suarez; Marcos Blanco;
Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown

Colaboradores Alberto Carranza; André Dantas; David Ayora;
Edilson Valiante; Efraim Choque; Elieser Ramos;
Everon Donato; Geraldo M. Tostes; Levino Oliveira;
Henry Mainhard; Ivan Samojluk; Juan Zuñiga;
Raíldes Nascimento; Ronivon Santos; Rubén
Montero e Tito Valenzuela



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral José Carlos de Lima
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Redator-Chefe Marcos De Benedicto
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 79,20
Exemplar Avulso: R\$ 16,28



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.

Tiragem: 6 mil

5880 / 41155

Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.



Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.

Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos,

- educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.
- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.

- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa.

- Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.

APRENDA COM O MESTRE

Entre os bons livros sobre liderança lançados nos últimos tempos, encontra-se um intitulado *Humble Leadership* (Berrett-Koehler, 2018), de Edgar e Peter Schein. Os autores, especialistas reconhecidos na área de cultura organizacional, destacam a importância do desenvolvimento de relacionamentos significativos entre colaboradores. Nesse sentido, eles apresentam quatro níveis relacionais possíveis:

Nível -1: Domínio total e coerção impessoal.

Nível 1: Função transacional e supervisão baseada em regras, serviço e formas de relações de ajuda “profissionais”.

Nível 2: Cooperação pessoal, relacionamentos confiáveis e times eficientes.

Nível 3: Total intimidade emocional e compromissos mútuos.

Assim, de acordo com a obra, diante de um mundo cada vez mais volátil, incerto, complexo e ambíguo, a tarefa dos líderes atuais deve ser desenvolver organizações que experimentem relacionamentos de nível 2, que estimulem a sinergia, promovam a transparência e gerem confiança mútua.

Bem avaliado pela crítica, o que chama atenção é como os conceitos centrais do livro são encontrados na vida de Jesus, que supera absolutamente qualquer nível relacional humano e lança sobre aqueles que estão na liderança cristã o desafio de inspirar pessoas a partir de uma atmosfera acolhedora, participativa, didática e emocionalmente saudável. Algumas situações narradas nos evangelhos ajudam a visualizar a maneira como Cristo colocou em prática esses princípios.

Comece pensando na escolha dos apóstolos (Mt 10:2-4). Imagine Pedro, o pescador, liderando Judas Iscariotes, um homem culto. Considere Mateus, o publicano, viajando ao lado de Simão, o zelote. Que líder conseguiria juntar em sua equipe pessoas tão diferentes e fazê-las trabalhar em conjunto sem promover um clima relacional acolhedor?

Você também pode refletir sobre a forma como Jesus envolveu os discípulos na tarefa de proclamar as

Todo conhecimento ou habilidade destituído da capacidade de se relacionar bem com as pessoas acaba perdendo sua eficácia.

boas-novas do reino. Tanto no envio dos doze (Lc 9:1-6) quanto no comissionamento dos setenta (Lc 10:1-12), Cristo deu orientações e conferiu a eles poder e autoridade para agir em Seu nome. Ao estimular a participação efetiva de Seus seguidores, Jesus deu oportunidade para que eles crescessem integralmente e adquirissem experiência para multiplicar a rede de discípulos ao redor do mundo após Sua partida.

Além disso, Cristo mantinha um ambiente de aprendizado contínuo, no qual ensinava por meio de Seu exemplo (Lc 11:1-4) e Suas exposições (Mt 5-7; Mc 1:21, 22). Ele extraía ensinamentos de situações cotidianas e promovia o diálogo entre os discípulos a fim de operar neles a transformação de que necessitavam. Cada momento ao Seu lado era uma oportunidade de refletir sobre a vida e os interesses do reino dos Céus.

Finalmente, Jesus salientou princípios fundamentais para desenvolver relacionamentos emocionalmente saudáveis. Ele ensinou aos discípulos o valor de atitudes como altruísmo (Mc 10:45), tolerância (Mt 5:9), perdão (Mt 18:21, 22), humildade (Lc 9:48) e amor (Jo 15:9-17). Tal ensino não ocorreu somente por meio de Suas palavras, mas foi eternizado no Calvário, quando depôs a vida para prover salvação a todos os que creem (Jo 3:16).

À luz desses exemplos do Mestre, que tipo de relação estamos desenvolvendo com as pessoas que estão ao nosso redor? Como nossa influência tem sido percebida por aqueles que convivem conosco? Infelizmente, muitas pessoas em posição de liderança perdem a oportunidade de fazer a diferença com suas virtudes porque não conseguem se associar com aqueles que estão em seu círculo social, eclesial ou profissional. Lembre-se de que todo conhecimento ou habilidade destituído da capacidade de se relacionar bem com as pessoas acaba perdendo sua eficácia. Por isso, jamais subestime o poder dos relacionamentos. **M**



WELLINGTON BARBOSA
editor da revista
Ministério

Amar

escrito com sangue

SEMANA SANTA
2020



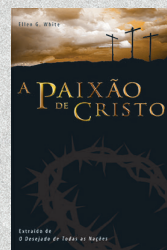
Conhecer Jesus é Tudo
 R\$11,50
 Cód.: 5100



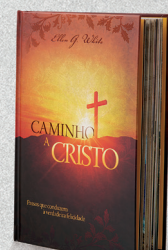
Foi por Você
 R\$2,00
 Cód.: 5976



Guerra no Céu
 R\$19,20
 Cód.: 14623



A Paixão de Cristo
 R\$20,20
 Cód.: 8644



Caminho a Cristo
 R\$24,50
 Cód.: 16262



Jesus Tu és a Minha Vida
 R\$13,60
 Cód.: 5179



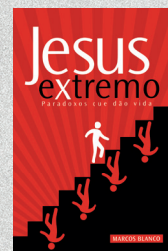
Milagres de Cristo
 R\$15,80
 Cód.: 10415



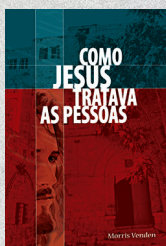
Transformados por Seu Amor
 R\$22,60
 Cód.: 8778



Pelo Sangue do Cordeiro
 R\$29,30
 Cód.: 15436



Jesus extremo
 R\$18,10
 Cód.: 11493



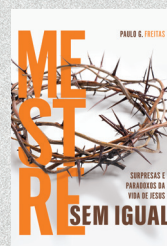
Como Jesus Tratava as Pessoas
 R\$27,00
 Cód.: 5098



Audiolivro Vida de Jesus
 R\$16,40
 Cód.: 11498



Jesus me diz assim
 R\$21,50
 Cód.: 12093



Mestre Sem Igual
 R\$19,90
 Cód.: 16071



A Entrega Perfeita
 R\$19,60
 Cód.: 18605

MKT CPB | Imagens da DSA



MINISTÉRIO X FAMÍLIA

Um dia, um experiente pastor fez a seguinte declaração: “Você pode perder seu ministério para sua família e sua família para seu ministério.” Essa frase nos mostra uma realidade incômoda: a rivalidade que pode existir entre ambos.

Geralmente, essa competição é resultado do tempo dedicado ao pastorado em detrimento à atenção necessária à família. De fato, a sequência de nossas prioridades deveria ser: Deus, família (esposa e, em seguida, filhos) e ministério. Essa ordem não é opcional, pois tem uma lógica inerente que precisa ser considerada com sabedoria.

Contudo, alguns correm o risco de ir a outro extremo: o de negligenciar o ministério para atender somente a família. Precisamos agir com equilíbrio, a fim de cuidar bem da família e, ao mesmo tempo, ser fiéis no exercício do ministério para o qual fomos chamados.

Por que devemos priorizar nossa família? Ao escrever sobre esse tema, Ellen White fez uma solene declaração: “Aquele que fracassa em ser um pastor fiel e criterioso no lar, certamente fracassará em ser um pastor fiel do rebanho de Deus na igreja” (*Ministério Pastoral*, p. 89).

Para ela, o assunto era muito importante, a ponto de repeti-lo em outras ocasiões. Em *Obreiros Evangélicos*, afirmou: “Coisa alguma pode desculpar o pastor de negligenciar o círculo interior, pelo mais amplo círculo externo. O bem-estar espiritual de sua família vem em primeiro lugar. No dia do final ajuste de contas, Deus há de perguntar que fez ele para atrair para Cristo aqueles que tomou a responsabilidade de trazer ao mundo. O grande bem, feito a outros, não pode cancelar o débito que ele tem para com Deus, quanto a cuidar dos próprios filhos” (p. 204).

Nunca se esqueça de que, ao cuidar de sua família, você demonstra a realidade e a eficácia do evangelho no cotidiano; pois, “a maior prova do poder do cristianismo que se pode apresentar ao mundo é uma família bem-ordenada, bem disciplinada. Isso

Precisamos agir com equilíbrio, a fim de cuidar bem da família e, ao mesmo tempo, ser fiéis no exercício do ministério para o qual fomos chamados.

recomendará a verdade como nenhuma outra coisa o poderá fazer; pois é um testemunho vivo de seu poder prático sobre o coração” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 4, p. 304).

Na edição da *Ministério* de julho/agosto de 2016, Natanael Moraes publicou um artigo no qual apresentou bons conselhos para que o pastor preserve o bem-estar de seu lar. Entre as sugestões, ele destacou a prática da comunhão diária com Deus, o estabelecimento de prioridades, o cuidado com a saúde física e o esgotamento mental e a administração adequada do tempo (p. 12).

Algumas dicas práticas adicionais podem nos ajudar a proteger nosso bem mais precioso:

Respeite o dia de folga. Não agende comissões, reuniões ou atividades que não estejam relacionadas com sua família.

Nas férias, não tenha compromissos missionários que demandem muito de seu tempo.

Ao longo da semana, invista tempo de qualidade em atividades familiares como caminhada, diálogo ou assistir a algum filme juntos.

Envolva sua família em seu ministério por meio de atividades missionárias que correspondam aos dons que Deus concedeu a cada membro de seu lar.

Caso você não seja pastor distrital, acompanhe sua família um sábado no mês à congregação em que ela frequenta, a fim de adorar e aprender mais sobre Deus como membros da igreja.

Lembre-se de que “não somos indispensáveis no ministério, mas somos indispensáveis em nossa família”. **IM**



DANIEL MONTALVAN
secretário ministerial
associado para a Igreja
Adventista na América do Sul

MISSÃO E VOLUNTARIADO



Líder do Serviço Voluntário Adventista na América do Sul fala sobre os benefícios do voluntariado

Por Márcio Nastrini

Nos últimos anos, houve um aumento significativo no número de pessoas interessadas em participar de projetos voluntários. Desde 1999, os adventistas na América do Sul contam com o apoio do Serviço Voluntário Adventista (SVA), responsável por aproximar os membros da igreja às oportunidades de participar da missão.

Atualmente, o SVA é liderado pelo pastor Joni Oliveira, que é mestre em Missiologia e já trabalhou como capelão escolar, pastor distrital e departamental jovem em nível de Associação e União. Casado com Caroline Menezes de Oliveira, eles têm duas filhas: Lisie e Lívia.

Nesta entrevista, ele explica como é a atuação do SVA, de que maneira alguém pode ser voluntário e quais são os benefícios de se dedicar tempo para a missão.

A experiência missionária amplia a visão de mundo, pois desperta no jovem sonhos e aspirações maiores em relação à carreira, aos relacionamentos e a si mesmo.

O que é o SVA?

Gosto de responder a essa pergunta com a ilustração de uma ponte; uma ponte que conecta necessidades missionárias mundiais da Igreja Adventista com o desejo de jovens e adultos de servir a Deus por um tempo de sua vida em um projeto transcultural.

Nós promovemos as oportunidades de chamado que são ativadas no sistema global de voluntariado da igreja, orientamos e aprovamos o processo de cadastramento do interessado, realizamos seu seguro, acompanhamos o missionário a distância e estamos implantando um sistema de atendimento por ocasião do seu retorno, para facilitar o processo de reentrada em sua própria cultura. Além disso, fornecemos materiais de divulgação e capacitação para as Escolas de Missão Transcultural *Send Me* e para treinamentos do projeto “Um ano em missão”.

Em sua estrutura administrativa, o SVA está vinculado ao ministério da Secretaria; no entanto, trabalhamos em parceria com vários ministérios, especialmente o de jovens, uma vez que temos o propósito de servir ao mesmo público-alvo.

Quais são os objetivos do SVA?

Temos o propósito de levantar uma geração missionária de jovens. Pessoas que tenham paixão pela missão não só local, mas também mundial. Para isso, nada melhor do que viver uma experiência transcultural. Tendo isso em vista, temos trabalhado com três objetivos. Primeiro, queremos tornar cada vez mais conhecido o SVA na América do Sul, especialmente na igreja local. Esperamos que esse serviço se fortaleça nas universidades e contamos com a parceria com as pastorais universitárias

e Institutos de Missão. No entanto, a maioria dos nossos jovens está nas igrejas locais. Assim, esses jovens precisam conhecer as oportunidades que existem para viver essa experiência.

Além disso, sonhamos em estabelecer Escolas de Missão Transcultural (*Send Me*) em cada Campo da América do Sul. Acreditamos, pela experiência de algumas Uniões, que essas escolas aproximam os jovens da igreja local ao SVA e despertam o interesse também por outras agências missionárias.

Também queremos fortalecer o movimento já existente de missões transculturais de curto prazo para grupos. Entendemos que muitos não podem se dedicar ao voluntariado por seis meses ou um ano, por exemplo; contudo, sonham com a oportunidade de viver essa experiência por 15 dias ou um pouco mais. Investem nisso e estão dispostos a dedicar suas férias no campo missionário. Esse tipo de vivência tem se provado eficiente para despertar o interesse e a paixão pela missão.

Quais são as principais áreas e projetos dos quais os voluntariados podem participar? Como fazer isso?

As necessidades são diversas. Temos cerca de 200 oportunidades à espera de candidatos. Embora isso seja muito dinâmico, os chamados ativos estão divididos em sete áreas: saúde, educação, ministério, serviços gerais, técnicos, administrativos e serviço social.

O processo de inscrição para um chamado pode ser explicado em quatro passos:

- 1) Na página sva.adventistas.org, o interessado deve procurar um projeto que mais se encaixa com seu perfil e interesse. Uma vez escolhido o projeto, ele clica em “aplicar”.
- 2) Na sequência, ele deve fazer o cadastro no site global do voluntariado da Igreja Adventista.
- 3) O interessado deve fazer o curso de missão, que pode ser feito on-line ou em uma das Escolas de Missão Transcultural *Send Me*.
- 4) Depois de ser aprovado pelo projeto, o interessado deve comprar a passagem, inseri-la em seu cadastro de voluntário para fazermos o seguro e seguir viagem.

Como se dá o preparo desses voluntários?

O livro-texto, cuja leitura é obrigatória, é *Passaporte para a Missão*, escrito por Cheryl Doss, atual diretora do Instituto Mundial de Missões da Igreja Adventista.

O treinamento pode ser feito on-line ou em uma escola *Send Me*, presente em algumas universidades

e sedes administrativas da igreja. O ideal é que o voluntário participe presencialmente das aulas, que foram preparadas a partir do livro-texto, e que também apresentam informações acerca das religiões mundiais e do desenvolvimento de projetos como escola cristã de férias, feiras de saúde, reforma em etapas, entre outros.

Quantos jovens adventistas sul-americanos já participaram de projetos missionários promovidos pelo SVA? Qual é o perfil predominante dos voluntários?

De acordo com nossos registros, no período de 2015 a 2019, 90% dos voluntários foram jovens entre 18 a 35 anos; a maioria eram mulheres (52%); 81% eram solteiros; 52% já estavam formados; 42% eram universitários e 6% pré-universitários; e a média de tempo de serviço pelo SVA foi de 325 dias.

Desde seu estabelecimento na América do Sul, em setembro de 1999, o SVA já enviou 1.996 voluntários para missões dentro e fora do continente. Em 10 anos, 4.857 jovens sul-americanos dedicaram no mínimo um ano de sua vida para servir integralmente ao Senhor. No período, recebemos 488 voluntários de outros lugares do mundo.

Você tem trabalhado com jovens de diferentes culturas sul-americanas. Quais têm sido suas conclusões sobre o engajamento deles no voluntariado?

Tenho visto três fatos sobre os benefícios do voluntariado. Em primeiro lugar, a experiência na missão *confirma a fé pessoal*. Isso porque frequentemente o missionário transcultural se encontra em situações em que depende única e exclusivamente da intervenção divina. Ele precisa aprender a confiar. Em segundo lugar, a experiência no campo *amplia a consciência missionária*. Isso explica porque um missionário, quando retorna ao seu antigo lar, muitas vezes se sente desorientado em sua igreja; não só por uma questão cultural, mas porque, muitas vezes, sua igreja gasta recursos com coisas supérfluas, perdendo tempo com “piciuhas”, enquanto a missão fica relegada ao segundo plano. Finalmente, a experiência missionária *amplia a visão de mundo*. Geralmente, essa vivência desperta no jovem sonhos e aspirações maiores em relação à carreira, aos relacionamentos e a si mesmo. Ou seja, ele viveu uma nova experiência fora do seu contexto, e isso agrega tanto que o deixa mais exigente, no bom sentido. **M**

EMBAIXADORES DE CRISTO



Wellington Barbosa

Os primeiros dias de 2020 foram de grande agitação para a política global. Em 3 de janeiro, uma ação do exército norte-americano, próximo ao aeroporto de Bagdá, matou o general Qasen Soleimani, comandante da Força Quds, uma divisão de elite do exército iraniano. Em questão de minutos, Estados Unidos, Irã e Iraque se tornaram o centro das atenções no mundo, despertando sentimentos polarizados em relação ao ataque.

Em meio ao aumento da tensão entre os países e os impasses diplomáticos

resultantes das declarações de apoio e repúdio feitas por vários chefes de Estado, a presença dos embaixadores veio à tona, numa tentativa de encontrar caminhos de pacificação no grande tabuleiro das relações internacionais.

Embora não esteja constantemente na mídia, a figura do embaixador é de grande importância para o bom relacionamento entre as nações. Tanto é verdade que Paulo chama os ministros cristãos de “embaixadores em nome de Cristo” (2Co 5:20), a fim de enfatizar o papel que desempenham no âmbito da missão divina. De fato, compreender melhor as lições resultantes dessa comparação proporciona uma série

de aplicações úteis para o desempenho do trabalho pastoral.

Diplomatas de Cristo

Curiosamente, o termo utilizado por Paulo para designar um embaixador tem conexão com o ofício da liderança eclesial: “*presbeuō*, literalmente, ‘ser mais velho’, ‘ser um ancião’, ou ‘ser embaixador!’”¹ Desse modo, parece ficar ainda mais interessante a relação entre as atividades do diplomata (que também era chamado de *legado imperial*, em Roma) e do presbítero cristão (ancião itinerante ou local).

Em essência, as atribuições de um embaixador do primeiro século não são tão

O ministro na função de diplomata do reino de Deus

diferentes das desempenhadas por um diplomata de nossos dias. Esse oficial era designado para ser um alto representante de sua terra natal no local em que estivesse estabelecido. Isso quer dizer que sua conduta, suas mensagens ou decisões deveriam refletir os valores defendidos por seu império. Assim, o embaixador agia e falava “não apenas em nome, mas no lugar do soberano de quem recebeu sua comissão”,² sendo, portanto, considerado um “porta-voz do rei, de um governante ou de uma comunidade”.³

A fim de ser bem-sucedido, era necessário que ele fosse *persona grata* em seu local de origem, bem como na região para a qual havia sido designado,⁴ dando-lhe

condições para estreitar laços entre ambos. Com base em antigos documentos diplomáticos do período, David Garland lembra que os embaixadores eram enviados para expressar sinais de “amizade e boa vontade, estabelecer relações, renovar relacionamentos amistosos ou fazer alianças”.⁵ Assim, o diplomata era obrigado a “observar oportunidades, estudar personalidades e procurar estratégias que pudessem colocá-lo diante de seus ouvintes de maneira cativante”.⁶ Portanto, os embaixadores deveriam ser elos para promoção dos interesses de seu reino, da paz e das boas relações entre os povos.

Dessa breve descrição do ofício diplomático é possível identificar os seguintes paralelos com o ministério cristão: (1) somos chamados a falar e agir como representantes de Deus (2Co 5:20; 6:1); (2) devemos ser benquistos em nossas relações (Mt 5:13-16; Rm 12:18); (3) temos uma mensagem de reconciliação e paz (Rm 5:10; 2Co 5:18); e (4) precisamos desenvolver estratégias eficientes para compartilhar os valores do reino dos Céus (1Co 10:33; 2Tm 2:15).

O objetivo deste artigo é apresentar as seis principais características que precisamos desenvolver para ser bem-sucedidos como embaixadores de Cristo em nossas relações pessoais, institucionais e sociais. Outras poderiam ser mencionadas, mas, por uma questão de espaço, decidi focalizar os elementos que julgo fundamentais.

Espiritualidade

É impossível ser representante de Cristo e estabelecer bons relacionamentos sem nutrir uma espiritualidade saudável, por meio do estudo dos escritos inspirados e da oração. De fato, somente em comunhão com Ele podemos ser transformados à Sua semelhança. Paulo afirmou que “à medida que o Espírito do Senhor trabalha dentro de nós, somos transformados com glória cada vez maior, e tornamo-nos mais e mais semelhantes a Ele” (2Co 3:18, BV).

Quando ocorre esse processo, Cristo passa a viver em nós (Gl 2:20), e essa vivência resulta em frutificação espiritual (Jo 15:1-5; Gl 5:22).

Além disso, a autoridade e o poder para agir “em nome de Cristo” é dada por Ele, como fica evidente em Mateus 28:18. Michael Green destaca que, nesse contexto, Jesus “transmite Sua autoridade a Seus seguidores”, fazendo deles “representantes investidos de poder”.⁷ Tal privilégio não tem como objetivo a exaltação do ser humano, mas a proclamação da mensagem de salvação a todas as pessoas.

Ellen White destacou a importância da espiritualidade do pastor, e seus efeitos sobre os resultados do trabalho ministerial, ao escrever: “O que ensina a Palavra precisa, ele próprio, viver em consciente e contínua comunhão com Deus pela oração e estudo de Sua Palavra; pois nela está a fonte da fortaleza. A comunhão com Deus comunicará aos esforços do pastor um poder maior que a influência de sua pregação. [...] Pelo poder e luz que Ele comunica podem compreender e realizar mais do que seu finito julgamento havia considerado possível”.⁸

Confiabilidade

Nenhum embaixador consegue se firmar em sua posição diplomática se não conquistar a confiança das pessoas com quem se relaciona. Stephen M. R. Covey, especialista em liderança, foi categórico ao declarar que “a capacidade para estabelecer, fazer crescer, estender e recuperar a confiança [...] é a competência-chave dos líderes na nova economia global”.⁹

Certamente, ao longo dos séculos a confiabilidade tem sido uma das principais virtudes procuradas nos líderes. O profeta Daniel é um bom exemplo de alguém que viveu em um ambiente diplomático desafiador, mas que se destacou por estabelecer relacionamentos sólidos e amparados pela revelação bíblica. Sua história,

Quando um ministro apresenta caráter ílibado e competência no que faz, dá evidências de confiabilidade e consegue se estabelecer como um elo efetivo nas diferentes relações em que está envolvido.

marcada por qualidades como integridade, fidelidade e sabedoria, destaca o binômio que ajuda a construir o conceito de confiança: caráter e competência.¹⁰

É sempre oportuno lembrar que, especialmente na liderança cristã, “as designações de Deus são sempre fundamentadas no caráter – quanto melhor é o caráter, maior é a tarefa.”¹¹ A descrição do perfil dos anciãos/pastores em 1 Timóteo 3:1 a 7 demonstra essa realidade e também indica a importância da competência para o exercício da função. Quanto a essa virtude, a Bíblia nos ensina a fazer o que está sob nossa responsabilidade com toda nossa força (Ec 9:10), diligência (Pv 12:24) e perícia (Pv 22:29). Quando um ministro apresenta caráter ílibado e competência no que faz, dá evidências de confiabilidade e consegue se estabelecer como um elo efetivo nas diferentes relações em que está envolvido.

Conhecimento

Quem deseja atuar como líder diplomático precisa estar disposto a ser um constante aprendiz. James Kouzes e Barry Posner afirmam: “Os melhores líderes são os melhores alunos. Eles têm uma mentalidade de crescimento. Acreditam que são capazes de aprender e crescer no decorrer da vida. Para ser um líder melhor, você deve engajar-se em aprendizado

contínuo. Você nunca para de aprender, nunca para de melhorar. O aprendizado contínuo é um estilo de vida.”¹²

Por isso, como embaixadores de Cristo, devemos valorizar o aprendizado que potencializa nossa utilidade. Assim, precisamos ter amplo conhecimento dos valores do reino, da cultura em que estamos inseridos, do contexto que nos envolve e das pessoas com quem estamos em contato. A soma dessas informações, e uma análise ponderada a respeito delas, proporciona uma visão mais acurada de como podemos agir a fim de promover relacionamentos saudáveis e salvíficos em nossa esfera de ação.

O exemplo de Paulo, o embaixador por excelência, é muito ilustrativo. Em 1 Coríntios 9:20 a 23, ele disse: “Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns. Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com Ele.” Sem dúvida, ampliaremos a eficácia de nosso trabalho se estivermos dispostos a seguir as pegadas apostólicas.

Sabedoria

Tão importante quanto o conhecimento é a sabedoria prática para saber os limites do que fazer ou do que falar em nossas diferentes relações. O equilíbrio e o bom senso são presentes de Deus que devemos pedir intencionalmente em oração. Tiago escreveu: “Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropria; e ser-lhe-á concedida” (Tg 1:5).

Derek Kidner ponderou: “A sabedoria deixa sua assinatura em qualquer coisa bem feita ou bem julgada, desde uma observação apropriada até ao próprio Universo, desde uma política sábia (que brota de uma introspecção prática) até uma ação nobre (que pressupõe discernimento moral e espiritual).”¹³ Assim, um embaixador de sucesso deve ser reconhecido por sua sabedoria.

Especialmente em Provérbios, encontramos muitas orientações precisas de como agir corretamente em várias ocasiões, por exemplo: como desenvolver amizades (Pv 17:17; 27:9, 10, 17; 29:4); como proceder socialmente (Pv 25:17, 20; 26:18, 19; 27:14); e como usar as palavras (Pv 11:12, 13; 15:1, 23; 16:13; 17:28). Esse último ponto, que está no cerne da comunicação, aspecto fundamental para a manutenção dos relacionamentos, demanda uma exposição mais detalhada, que ocorre a seguir.

Comunicação

A comunicação adequada é essencial para o estabelecimento de bons relacionamentos, especialmente no contexto da missão que nos foi confiada. Ellen White afirmou: “A extensão da utilidade de um cristão é medida por seu poder de comunicar o que recebeu e que se tornou experiência para ele.”¹⁴

Paul Watzlawick, importante estudioso do assunto, desenvolveu com Janet Beavin e Don Jackson o conceito dos cinco axiomas da comunicação. Conhecê-los pode nos ajudar a ter uma visão mais profunda e cuidadosa desse elemento importante. São eles:

1) É impossível não se comunicar; pois, qualquer comportamento humano expressa alguma coisa.

2) Toda comunicação contém dois aspectos, conteúdo e relação; isto é, além do significado das palavras, a comunicação também envolve o relacionamento entre o emissor e receptor da mensagem.

3) A pontuação das sequências comunicacionais entre os comunicantes impacta a natureza de uma relação; ou seja, emissor

e receptor estruturam a comunicação de forma diferente, conforme sua experiência e percepção.

4) A comunicação ocorre em dois níveis, analógico e digital; verbal e não verbal.

5) As interações comunicacionais podem ser simétricas (quando estamos em condição de igualdade com o outro) ou complementares (quando estamos em condições desiguais, mas aceitamos as diferenças e permitimos a interação).¹⁵

A partir desses axiomas, precisamos ter alguns cuidados para ser bem-sucedidos em nossa comunicação como embaixadores de Cristo. Em primeiro lugar, nossas palavras e nosso silêncio comunicam; por isso, precisamos saber quando falar e quando calar. Em segundo lugar, nossas palavras ou nosso silêncio serão interpretados a partir do relacionamento que temos com as pessoas; ou seja, mesmo boas informações permeadas por relações desgastadas possivelmente serão mal interpretadas. Em terceiro lugar, não podemos assumir que as pessoas entendam exatamente o que dizemos, pois cada um estrutura a emissão/recepção da mensagem à sua maneira; assim, precisamos ser cuidadosos com os detalhes do que falamos ou deixamos de falar. Em quarto lugar, tão importante quanto as palavras são as expressões corporais, roupas ou imagens utilizadas em nossa comunicação. Finalmente, não podemos nos esquecer de que nossas relações de igualdade (p. ex., pares) ou diferença (p. ex., líder/liderado) influenciam no processo comunicacional.

Em síntese, o que se percebe é que o êxito na comunicação está intimamente ligado com o bom (ou mau) relacionamento entre as partes comunicantes; portanto, sigamos o seguinte conselho: “Há a maior necessidade de que os homens e as mulheres que têm conhecimento da vontade de Deus aprendam a se tornar obreiros bem-sucedidos em Sua causa. Devem ser pessoas polidas, de entendimento, não com o verniz exterior e o afetado sorriso dos mundanos, mas com aquele refinamento

e genuína cortesia que agradam o Céu, e que todo cristão possuirá se for participante da natureza divina.”¹⁶


Proatividade

Nenhum embaixador deve ser apático em relação aos interesses de sua pátria. Quanto ao embaixador de Cristo, espera-se que seja proativo em rogar para que as pessoas se reconciliem com Deus (2Co 5:20) e exortar para que elas não recebam em vão a graça divina (2Co 6:1). O chamado ao ministério cristão demanda atitude, coragem e disposição para defender os valores do reino, proclamar a mensagem de salvação e liderar um povo para se encontrar com o Senhor.

Ellen White destacou a importância da proatividade ao escrever: “Aqueles que estão a serviço de Cristo admoestando pessoas a se reconciliarem com Deus devem, por preceito e exemplo, manifestar um incessante interesse em salvar pecadores. Sua diligência, perseverança, abnegação e espírito de sacrifício devem exceder a diligência e o zelo daqueles que lutam por lucros terrenos, assim como a pessoa é de muito mais valor do que a escória da Terra, e o motivo, mais elevado do que empreendimentos terrenos.”¹⁷ O exemplo do líder será uma inspiração para que as pessoas que estão sob sua influência direcionem seus esforços para a missão. Quando isso ocorre, as tensões internas tendem a diminuir e os índices de crescimento tendem a aumentar.

Conclusão

Em essência, nós, pastores, somos embaixadores de Cristo em qualquer esfera de relacionamento, seja ele interno ou externo. Para que tenhamos êxito como diplomatas do reino, precisamos nutrir espiritualidade profunda, inspirar confiança genuína, obter conhecimento variado, crescer na sabedoria divina, desenvolver comunicação eficaz e ser destemidamente proativos. Agindo assim, cumprimos nossa missão em terra estrangeira e seremos recebidos em nossa Pátria Celestial

com as palavras de aprovação: “Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel no pouco, Eu o porei sobre muito. Venha festejar com o seu senhor!” (Mt 25:21, BV). 

Referências

- ¹ Francis Nichol (org.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 958.
- ² M. E. Thrall, *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of the Corinthians* (Londres; Nova York: T&T Clark International, 2004), p. 436, 437.
- ³ S. J. Kistemaker, *Comentario al Nuevo Testamento: 2 Corintios* (Grand Rapids, MI: Libros Desafio, 2004), p. 223.
- ⁴ A. T. Robertson *Word Pictures in the New Testament* (Nashville, TN: Broadman Press, 1933), ver 2 Coríntios 5:20.
- ⁵ David E. Garland *2 Corinthians* (Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 1999), p. 295, 296.
- ⁶ Joseph B. Lightfoot, *Ordination Addresses and Counsels to Clergy* (Londres: MacMillan, 1890), p. 47, 48.
- ⁷ Michael Green, *The Message of Matthew: The kingdom of heaven* (Leicester, Inglaterra; Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001), p. 320.
- ⁸ Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 362, 363.
- ⁹ Stephen M. R. Covey, *A Velocidade da Confiança* (Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Franklin Covey, 2008), p. 22.
- ¹⁰ Covey, *A Velocidade da Confiança*, p. 29.
- ¹¹ Henry e Richard Blackaby, *Liderança Espiritual: Como impulsionar pessoas para o trabalho de Deus* (São Paulo: Bompastor, 2007), p. 72.
- ¹² James Kouzes e Barry Posner, *Aprendendo a Liderar: Os cinco fundamentos para se tornar um líder exemplar* (Rio de Janeiro: Alta Books, 2017), p. 52, 53.
- ¹³ Derek Kidner, *Provérbios* (São Paulo: Vida Nova, 2006), p. 13.
- ¹⁴ Ellen White, *The Voice in Speech and Song* (Boise, ID: Pacific Press, 1988), p. 43.
- ¹⁵ Paul Watzlawick, Janet Beavin e Don Jackson, *Pragmática da Comunicação Humana: Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação* (São Paulo: Cultrix, 2007), p. 44-64.
- ¹⁶ Ellen G. White, *Serviço Cristão* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 226.
- ¹⁷ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), v. 2, p. 336.

**WELLINGTON
BARBOSA**

editor da revista *Ministério*





A HORA DO JULGAMENTO

Evidências do juízo pré-advento em Daniel 8

Em seu livro *A Visão Apocalíptica e a Neutralização do Adventismo*,¹ George Knight chama atenção para a progressiva perda de visão do adventismo e o consequente enfraquecimento no cumprimento da missão. Ele também faz um apelo para que o adventismo se concentre na urgência de priorizar a comissão evangélica centrada no amor de Cristo nesses últimos dias, especialmente as três mensagens angélicas (Ap 14:6-12), e eu acrescentaria a mensagem de Elias (Ml 4:5, 6).²

No entanto, quero analisar um pouco mais detidamente algo que ele abordou sobre Daniel 8:14 que, a meu ver, poderia fortalecer sua mensagem geral.³ Depois de afirmar sua crença de que a profecia foi cumprida em 1844, Knight continuou dizendo que não consegue ver um juízo pré-advento dos santos em Daniel 8:14, mas somente um julgamento sobre o chifre pequeno e a “purificação do santuário em relação com esse poder no fim dos 2300 dias”.⁴ Ele encontra um juízo pré-advento contra o “chifre pequeno” a favor dos santos em Daniel 7;⁵ mas somente é possível vê-lo começando em 1844 se tomar como base o paralelismo entre Daniel 7 e 8.⁶

O contexto de Daniel 8:14

Penso que Knight esteja certo em sua análise sobre o julgamento em Daniel 7, ou seja, a existência de um forte paralelo entre os capítulos 7 e 8, e a necessidade de se chegar a conclusões por meio de uma interpretação sólida, e não apenas pela leitura de um texto com outro. É verdade que o paralelo entre os capítulos é suficiente para associar o juízo pré-advento (Dn 7) com a purificação do santuário (Dn 8), de modo que o momento do segundo se aplique ao primeiro. Mas o que há em Daniel 8:14? Será que o texto se refere apenas a um julgamento pré-advento do “chifre pequeno” no fim dos tempos, e não contém um juízo investigativo dos santos?

De fato, Daniel 8:14 também não menciona explicitamente o “chifre pequeno”. Diz apenas: “E ele me disse: ‘até 2.300

tardas e manhãs; e o santuário será [justificado]” (grifo do autor). Isso não soa como pensamento completo porque está respondendo à pergunta do verso 13: “Até quando durará a visão do sacrifício diário [que inclui a] transgressão assoladora, visão na qual é entregue o santuário e o exército, a fim de serem pisados? (grifo do autor). Assim, justificar o “santuário” no fim dos 2.300 “dias” (v. 14) resolve o problema levantado no verso 13. Não podemos entender o significado de justificar o santuário sem compreender a natureza do problema que isso pretende resolver.

A questão apresentada no verso 13 tem quatro partes: (1) a regularidade (diário), (2) a transgressão assoladora, (3) um santuário, e (4) ser pisado.⁷ Mas essa lista enigmática não nos diz muito por si só. O que aconteceu com “a regularidade” e “o santuário”? Quem é responsável pela “transgressão assoladora” e por “pisotear o exército”?

O verso 13 é um resumo dos pontos-chave da visão descrita em Daniel 8:1 a 12.⁸ À luz da interpretação posterior, nesse mesmo capítulo (v. 15-26), a visão cobre os períodos da Medo-Pérsia (v. 3-4, 20) e da Grécia, com seus quatro reinos helenísticos (v. 5-8, 21-22), os quais são substituídos por outro império maior, simbolizado por um “chifre” que começa pequeno, mas se expande horizontalmente na Terra, como poder político, e depois verticalmente em direção ao céu, como força religiosa (v. 9-12, 23-26).

A expressão “até quando durará a visão?”, significa: Qual será o ponto final da visão como um todo (a partir do tempo da Medo-Pérsia), quando os males perpetrados pelo “chifre pequeno” serão corrigidos? Os ataques principais incluem (na ordem do v. 13): (1) remover a regularidade (na adoração e no ministério) do Príncipe do exército do Céu, ou seja, Cristo (v. 11; cf. Js 5:13-15); (2) atribuir/nomear, de maneira hostil, outro contra essa “regularidade” (Dn 8:12); (3) derrubar o local do santuário que pertence ao Príncipe do exército (v. 11); e (4) derrubar e pisotear alguns do exército celestial (v. 10).

O chifre pequeno obviamente se destaca, mas onde está o povo fiel a Deus (os santos) em tudo isso? O “povo santo” aparece descrito no verso 24 (cf. v. 25), retratado como objeto de destruição pelo poder simbolizado pelo chifre pequeno. Visto que o povo santo pertence ao Deus do Céu e, portanto, ao Príncipe da hoste celestial, parece que destruí-lo literalmente expressa a mesma coisa que pisotear alguns do exército celestial (v. 10; cf. v. 13). Seja como for, Daniel 8 identifica explicitamente duas partes opostas: (1) o poder rebelde do chifre pequeno; e (2) o povo fiel de Deus, a quem o chifre persegue.

Descobrimos que Daniel 8:14 responde à pergunta referente a um determinado cenário (v. 13) que tem seu desdobramento no restante do capítulo, tanto em uma visão anterior quanto em sua interpretação. Assim, o todo de Daniel 8 se concentra no versículo 14: “Até 2.300 tardas e manhãs e o santuário será purificado [justificado]” (grifo do autor). Agora sabemos o que isso significa: No fim de um longo período de 2.300 “dias” (obviamente muito mais que dias literais), que vão do período medo-persa até o fim do período de dominação do chifre pequeno, um santuário seria justificado. Esse evento do fim dos tempos (v. 19, 26) repararia os problemas causados pelo chifre pequeno, o qual interrompeu a adoração ao Deus verdadeiro, levantou oposição, contrafez o sistema da adoração, atacou o local do santuário de Cristo e atentou contra alguns de Seus súditos.

Natureza do julgamento

De que maneira o fato de justificar o santuário resolveu essas questões? É verdade que o ataque do chifre pequeno contra o santuário de Deus foi apenas um de seus crimes, mas os outros crimes também interferem no santuário, porque ali é o local em que os fiéis súditos de Deus regularmente realizam sua verdadeira adoração. O “santuário” celestial (literalmente, [lugar de] santidade, em Dn 8:14) se refere ao Templo no Céu, a sede do governo divino,

a representação de Sua administração, assim como a Casa Branca representa o governo dos Estados Unidos ou o Kremlin a administração da Federação Russa. Portanto, justificar o santuário de Deus, o local real em que Ele reside no Céu (Sl 11:4; Ap 4), compreende nada menos que vindicar Sua santa forma de governo, em oposição ao sistema do chifre pequeno.

“Será purificado”, ou justificado (nival de *tsdq*), em Daniel 8:14, é uma linguagem forense que indica um processo judicial, que demonstra que a administração de Deus, representada por Seu santuário, está correta.⁹ O mesmo verbo hebraico (com suas variantes) é usado em outros contextos legais (inclusive tendo Deus como Juiz) e, nesse sentido, referindo-se ao julgamento em favor de alguém (por exemplo, Gn 38:26; 44:16; Dt 25:1; 2Sm 15:4; 1Rs 8:32; Sl 51:4 [heb. v. 6]; Is 5:23; 43:9, 26). Obviamente, o resultado de ter justificado o governo divino foi benéfico para o “povo santo” (v. 24), Seus súditos leais. Mas o resultado do poder do “chifre pequeno” foi decididamente negativo. Ele foi condenado pela vindicação do santuário de Deus e, finalmente, será “quebrado”/destruído, não pela ação de nenhum poder humano, mas pelo próprio Deus (v. 25).¹⁰ Essa execução do julgamento implica um processo de investigação pré-advento, que Daniel 8:14 descreve em termos de demonstração de que a administração divina está correta.

Observando Daniel 8 e seu contexto, verificamos que a vindicação do santuário de Deus no tempo do fim (v. 14) envolve um processo de justiça que resulta em benefício para Seu povo fiel e na condenação dos rebeldes. Portanto, após tudo isso, existe um julgamento envolvendo os “santos”, embora o texto não mencione isso com essas palavras.

O pano de fundo do Dia da Expição para Daniel 8:14 é evidente. Ele indica uma relação tipológica: o Dia da Expição típico aponta para um futuro julgamento antitípico no fim dos tempos. O Dia da Expição

anual era um dia de julgamento em Israel, quando o ritual de purificação do santuário terrestre representava a vindicação da justiça divina, a qual confirmava os fiéis (Lv 16:29-31), mas condenava os infiéis (Lv 23:29, 30) entre Seu povo. Todos aqueles cujos pecados já haviam sido perdoados em um estágio anterior de expiação (Lv 4:20, 26, 31, 35 etc.), e que haviam demonstrado contínua lealdade no Dia da Expição (Lv 16:29, 31; 23: 26-32), ficavam moralmente “puros” (livres de qualquer impedimento no relacionamento divino-humano) como resultado da purificação do santuário (Lv 16:30).¹¹ Estamos começando a descobrir que há mais do que parece em Daniel 8, incluindo um julgamento que envolve o povo leal a Deus.

Daniel 8 não detalha o processo investigativo por meio do qual o “povo santo” do Senhor é assim considerado, e pelo qual o “chifre pequeno” é irremediavelmente considerado culpado de alta traição. A relação dos crimes do chifre pequeno deixa claro as acusações contra ele. Por outro lado, o comportamento do “povo santo” não é explicitado. A ênfase não está no que eles fazem, mas no Príncipe a quem pertencem (Dn 7:13, 14; cf. 9:25; 1Jo 5:11-13). O fato de eles e o chifre pequeno estarem em lados opostos implica que o povo do Senhor está fazendo exatamente o oposto do trabalho realizado pelo chifre, mantendo uma adoração verdadeira, centralizada no verdadeiro santuário do Senhor (cf. Hb 8:1, 2).

Relação entre Daniel 7 e 8

De acordo com Knight, é em Daniel 7 que o processo de investigação judicial é descrito com alguns detalhes. Ele também reconhece que há um estreito paralelo entre Daniel 7 e 8 (referindo-se em 8:1 à visão do capítulo 7), o qual demonstra uma correspondência entre o juízo pré-advento e a purificação do santuário respectivamente.

Daniel 7	Daniel 8
Leão	
Urso	Carneiro (Medo-Pérsia, v. 20)
Leopardo	Bode (Grécia, v. 21)
Animal terrível	Chifre pequeno: crescimento horizontal
Chifre pequeno	Chifre pequeno: crescimento vertical
Juízo pré-advento (v. 9-14)	Purificação do santuário (v. 14)

Daniel 8 repete o mesmo período histórico coberto por Daniel 7 (exceto Babilônia, que já havia passado e, portanto, não mais era relevante). Os impérios são os mesmos, e a natureza do problema do poder do “chifre pequeno” é a mesma. O fato de o mesmo símbolo ser usado (embora o chifre em Daniel 8 inclua expansão horizontal por Roma pagã/imperial no v. 9) reforça a proximidade do paralelo. Depois dos ataques do chifre, há uma solução divina em cada capítulo, que é regulamentada em favor dos santos e contra o poder que os oprimiu.

Os perfis proféticos correspondentes em Daniel 7 e 8 mostram que o juízo pré-advento e a justificação do santuário celestial são maneiras diferentes de descrever o mesmo evento: a vindicação de Deus diante dos seres criados por meio de um Dia da Expição escatológico, que demonstra Sua justiça em condenar os desleais, mas salvar Seu povo leal e santo.¹² Isso reforça a conexão entre Daniel 7 e 8 e confirma que o evento que começa no fim dos 2.300 “dias” proféticos nos envolve, como concluíram os pioneiros adventistas.¹³

Temos o privilégio e a responsabilidade de levar o último convite evangélico a todo o mundo (Ap 14:6-12) durante a fase final da expiação, enquanto Cristo está realizando uma obra especial pela humanidade. O que poderia ser mais importante e urgente do que isso? Esse é o maior empreendimento da história da humanidade, e é totalmente impossível fazer isso somente pelo esforço humano. Como nunca antes, precisamos

buscar e receber humildemente o poder do Espírito Santo (At 2; cf. Jl 2), que vem do santíssimo do santuário celestial, onde Jesus está ministrando agora. Esse poder nos impele a sair de nossa zona de conforto e alcançar pessoas para Cristo, a fim de que elas tenham oportunidade de ser resgatadas e desfrutar a vida eterna.

Continuemos respondendo ao desafio de Knight de explorar, viver e proclamar nossa visão apocalíptica em vez de neutralizá-la! **TM**

Referências

- George R. Knight, *A Visão Apocalíptica e a Neutralização do Adventismo* (Tatuí: SP, Casa Publicadora Brasileira, 2010). Veja Gerhard Pfandl em *Reflections*, nº 27, julho 2009, p. 10-11.
- Roy Gane, *Who's Afraid of the Judgment? The Good News About Christ's Work in the Heavenly Sanctuary* (Nampa, ID: Pacific Press, 2006), p. 126-128.
- Clinton Wahlen, “The Pathway Into the Holy Places (Hb 9:8): Does it End at the Cross?”, *Journal of Asia Adventist Seminary*, nº 11 (2008), p. 47-51.
- George R. Knight, *A Visão Apocalíptica e a Neutralização do Adventismo*, p. 68.
- Ibid.*, p. 68, 69.
- Ibid.*, p. 69.
- Roy Gane, “The Syntax of *Tēt Vā* in Daniel 8:13”, em J. Moskala (ed.), *Creation, Life, and Hope: Essays in Honor of Jacques B. Doukhan*, (Berrien Springs, MI: Andrews University, 2000), p. 367-382.
- A palavra “visão” em Dn 8:13 é *hazon*, que aparece várias vezes em conexão com essa interpretação (Dn 8:15, 17, 26; 9:21, 24).
- Jó 9:15, 20; Sl 19:10; 51:6; 143:2; Is 43:9, 26, etc. Em Jó 4:17, aquele que é “justo” (*tsdq*) diante de Deus está “puro/limpo” (verbo *thr*), isto é, “vindicado”.
- 2Ts 2:8, destruição dos ímpios na segunda vinda de Cristo.
- Roy Gane, *Cult and Character: Purification Offerings, Day of Atonement, and Theodicy* (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2005), p. 305-333.
- Roy Gane, *Who's Afraid of the Judgment?*, p. 40-45.
- Sobre Daniel 8 e as boas-novas do juízo no tempo do fim, veja Roy Gane *Who's Afraid of the Judgment?* e fontes citadas pelo autor.

Nota: Texto publicado originalmente no site do Biblical Research Institute. Usado com permissão.

ROY GANE

professor de hebraico e línguas do antigo Oriente Médio no Seminário Teológico da Universidade Andrews



O pastor e as armadilhas da exposição digital

Rafael Rossi

ENREDADOS

A revolução digital tem sido um dos mais intensos períodos já vivenciados pela humanidade. De repente, os *gadgets* passaram a ser considerados quase que uma extensão do corpo, enquanto as empresas de tecnologia não param de oferecer inovações e multiplicar possibilidades. Esse cenário tem resultado na mudança de hábitos, percepções e, finalmente, do estilo de vida dos usuários de tecnologia. Diante desse impacto, que afeta padrões e princípios éticos e espirituais, faz-se necessária uma reflexão de como os adventistas do sétimo dia devem se portar ao interagir com o mundo digital.

A velocidade com que essa revolução envolveu a sociedade não nos deu tempo suficiente para pensar sobre suas implicações, bem como acerca dos limites que devem ser impostos ao pacote de mudanças significativas na forma de viver e aprender. A igreja, chamada para influenciar o mundo à sua volta, sempre esteve diante do enorme desafio de não se conformar “com este século” (Rm 12:2), uma vez que muitos dos valores culturais defendidos são incompatíveis com as Escrituras e encontram-se em zona de conflito.¹ Nesse caso, espera-se que a igreja influencie a cultura e não seja influenciada por ela, no que se refere aos princípios do evangelho.²

A imagem da igreja

Nessa nova cultura virtual, pastores e líderes eclesiais, com suas postagens e opiniões nas redes sociais, ajudam a formar a imagem que a igreja e suas instituições terão para o grande público. Assim, mais do que expor sua identidade pessoal, pastores e líderes são formadores da identidade denominacional. Como resultado, as percepções a respeito da igreja construídas com base no que se posta são potencializadas pelo volume de manifestações nas redes sociais.

Diante dessa realidade, jamais devemos nos esquecer de que esse “ministério digital” está sob as mesmas bases do ministério presencial. O modo pelo qual um pastor se comporta no ambiente virtual deve ser compatível com os princípios e a sublimidade do evangelho. Ao entrar nas redes sociais de um pastor, por exemplo, a expectativa é de encontrar assuntos que estejam relacionados com o pastoreio. Quando ele se envolve em polêmicas, gera um ruído de comunicação e, inevitavelmente, compromete a imagem do corpo ministerial, da igreja, além de sua própria imagem. Nesse sentido, a distorção da

percepção do grande público em relação à igreja e ao ministério será diretamente proporcional ao número de “seguidores” que a pessoa que postou tem e o nível de engajamento alcançado com a postagem.

Como resultado, os usuários das redes, sejam eles membros ou não da igreja, podem adotar as seguintes posturas diante dos materiais questionáveis compartilhados: (1) imitar o comportamento; (2) distorcer o conteúdo; (3) nutrir uma visão ácida em relação ao ministério; (4) decepcionar-se com a postura dos pastores; (5) adotar um discurso crítico em relação à igreja e aos seus ministros; (6) e desconfiar da credibilidade da igreja.



Além de entregar o coração a Deus, é preciso reiterar a necessidade de entregar também as redes sociais ao serviço do Senhor.

Assim, pastores e líderes devem estar conscientes e identificar possíveis zonas de perigo para não comprometer sua imagem nem a da igreja. Todas as postagens, manifestações e, em alguns casos, até mesmo a não publicação de algo, acabam comunicando alguma coisa. Menosprezar valores, relativizar a verdade, demonstrar egocentrismo ou buscar aplausos estrategicamente resultará em crise de confiança em relação ao ministério, devido à incompatibilidade entre os interesses demonstrados e os princípios do evangelho.

Isso não quer dizer que, para se desenvolver um trabalho efetivo e relevante nas redes sociais, seja necessário adotar um estilo considerado “padrão”. Existem perfis variados, com abordagens específicas, que alcançam públicos diferentes. Há espaço para líderes e pastores desenvolverem um

ministério consistente na internet, mas é fundamental conhecer as armadilhas resultantes da exposição digital, considerando, assim, a conduta adequada que se requer de um ministro no mundo virtual.

Armadilhas digitais

Recentemente, conversei com um pastor que se sentia bastante sobrecarregado. Durante o diálogo, acabamos entrando na questão do uso das redes sociais. Em determinado momento, ele confessou que se sentia impelido a compartilhar continuamente seus sermões, textos, opiniões e fotos a seus seguidores. No final, concluímos que essa “obrigação” de expor constante-

mente sua rotina nas mídias sociais estava demandando dele muito tempo, sendo um dos principais motivos de seu esgotamento. Há recursos nos *smartphones* que dão um diagnóstico diário das horas gastas em cada aplicativo. Se esses indicadores forem altos, provavelmente o usuário esteja se desgastando ao estar envolvido nas redes sociais.

Além disso, as redes sociais podem favorecer a vaidade. Assim, elas servem como recurso para que seus usuários satisfaçam o ego ao receber aprovação referente a qualquer coisa que postem ou façam. Em realidade, muitas postagens são irrelevantes; contudo, curiosamente, elas despertam a atenção de uma fatia considerável do público. Nessa dinâmica, gera-se um sistema de postagens vagas e sem propósito retroalimentado por curtidas e comentários que pouco agregam à

vida das pessoas e consomem uma quantidade significativa de tempo e disposição.

Ademais, Jean M. Twenge, em seu livro *iGen*, indica estudos que associam o uso excessivo de celulares por adolescentes a neuroses, baixa autoestima, impulsividade, falta de empatia, crises de identidade e imagem própria, distúrbios no sono, ansiedade, estresse e depressão. O impacto é tão grande que a autora chega a afirmar que estamos próximos da pior crise de saúde mental da história. Os efeitos não atingem apenas crianças e adolescentes, mas ultrapassa limites de idade.³

Uma expressão inglesa ilustra o sentimento perigoso que o crescimento da exposição digital tem causado: “fear of missing out”, ou seja, medo de ficar de fora. Esse temor leva a pessoa a olhar o celular o tempo todo para não se sentir por fora de nada. O resultado é um ciclo vicioso. Sentimentos como a ansiedade são desenvolvidos, resultando em um estado de angústia ao se tocar na tela do celular, abrir aplicativos ou checar se há novas mensagens.

Procedimento equilibrado

A Igreja Adventista na América do Sul tem produzido documentos com orientações para ajudar pastores e líderes a se portarem nesse novo ambiente. A exposição em redes sociais é julgada pela subjetividade das pessoas. E como não se tem controle sobre essa subjetividade, os critérios e as avaliações do que se publica devem ser analisados de uma perspectiva mais profunda do que apenas a interpretação elementar do que foi postado.

A manutenção e a proteção dos parâmetros que estabelecem a identidade da igreja são preciosos e fundamentais. Manifestações ruidosas ou práticas que não fazem parte da essência da igreja não deveriam ser postadas nas redes sociais. O movimento adventista nasceu de um desapontamento profético que depois se estabeleceu com o compromisso de estudar profundamente e ensinar a Bíblia, além de viver todos os seus ensinamentos. Por isso,

pastores e líderes, ao se posicionarem nas redes sociais, devem refletir o mesmo ideal. Ellen White, cofundadora da Igreja Adventista, não vivenciou a revolução digital, mas seus conselhos quanto ao que se deve ou não publicar contêm princípios aplicáveis aos nossos dias.

Em relação às respostas a críticas feitas sobre a mensagem adventista, ela recomendou: “Que procedimento devem seguir os defensores da verdade? Possuem eles a imutável, eterna Palavra de Deus, e devem revelar o fato de que possuem a verdade como é em Jesus? Suas palavras não devem ser ásperas nem incisivas. Em sua apresentação da verdade devem manifestar o amor, a mansidão e a amabilidade de Cristo. Que a verdade por si mesma produza efeito; a Palavra de Deus é aguda espada de dois gumes, e abrirá caminho até ao coração.”¹⁴

Quanto às polêmicas ou insinuações pessoais, Ellen White foi contundente ao dizer: “O Senhor quer que Seus obreiros O representem, o grande Obreiro Missionário. Manifestar algum tipo de precipitação sempre traz dano. [...] Aquele que é descuidado e precipitado em proferir palavras ou em escrevê-las para publicação a ser espalhada pelo mundo, emitindo expressões que nunca mais poderão ser retiradas, está-se desqualificando para receber o legado da sagrada obra que recai neste tempo sobre os seguidores de Cristo. Os que costumam fazer severos ataques, estão formando hábitos que, pela repetição, se irão fortalecer, e dos quais terão de arrepender-se”¹⁵

Ela ainda refletiu acerca da reação dos líderes da igreja quanto a um assunto bastante sensível: a política: “Não é procedimento sábio criticar continuamente os atos dos governantes. Não nos compete atacar indivíduos nem instituições. [...] Devemos descartar dos nossos escritos e palestras toda expressão que, tomada isoladamente, poderia ser mal interpretada e tida como contrária à lei e à ordem. Tudo deve ser cuidadosamente pesado para não passarmos por fomentadores de deslealdade à nossa

pátria e às suas leis. Não é exigido de nós que desafie as autoridades. Virá o tempo em que, por defendermos a verdade bíblica, seremos considerados traidores. Mas não apressemos esse momento por meio de procedimento imprudente que desperdice animosidade e luta.”¹⁶

Ainda sobre esse ponto, Ellen White profetizou algo que faz total sentido na atualidade: “Tempo virá em que expressões descuidadas de caráter denunciante, displicentemente proferidas ou escritas por nossos irmãos, serão usadas pelos nossos inimigos para nos condenar. Não serão usadas simplesmente para condenar os que as proferiram, mas atribuídas a toda a comunidade adventista. Nossos acusadores dirão que em tal e tal dia um dos nossos homens responsáveis falou assim e assim contra a administração das leis do governo. Muitos ficarão admirados ao ver quantas coisas foram conservadas e lembradas, as quais servirão de prova para os argumentos dos adversários. Muitos se surpreenderão de como foi atribuído às suas palavras um significado diferente do que era a sua intenção. Sejam nossos obreiros cuidadosos no falar, em todo tempo e sob quaisquer circunstâncias.”¹⁷

Finalmente, é necessário considerar o testemunho que damos por meio do que publicamos: “Não podemos ajudar os que não têm o temor de Cristo apontando as suas faltas. Não nos foi dada a tarefa de reprovar nem proferir ataques pessoais em nossos periódicos. Essa atitude é enganosa. Não devemos ser ‘facilmente levados à ira’. Lembremo-nos de que, por meio de nossa atitude espiritual demonstramos que estamos nos alimentando de Cristo, o Pão da Vida. Pelas nossas palavras, nosso temperamento e nossas ações, testificamos àqueles com quem entramos em contato, que o Espírito de Cristo habita em nós.”¹⁸

Conclusão

Os valores cristãos têm sido continuamente atacados por uma sociedade que

fundamenta suas decisões na ciência, na lógica e em estatísticas. A cultura secular tende a ridicularizar a fé, tentando torná-la irrelevante para as pessoas. Nossa presença no ambiente digital, com todas as suas potencialidades, deve ser administrada com equilíbrio, sabedoria e estratégia, tendo sempre como alicerce os princípios bíblicos.

Uma das principais necessidades dos tempos atuais é oferecer, especialmente a pastores e líderes, ferramentas de educação digital para ampliar a visão estratégica do uso dos recursos virtuais, bem como reconhecer os riscos do mau uso deles. Todos os líderes são responsáveis pela construção da imagem da igreja, e estabelecer parâmetros de utilização das redes sociais reduzirá excessos, evitando uma percepção equivocada de nosso trabalho.

Há um vasto campo de possibilidades para a pregação do evangelho que são multiplicadas pelos recursos digitais. A ferramenta não pode se tornar armadilha. A possibilidade não deve ser a fatalidade. Atualmente, além de entregar o coração a Deus, é preciso reiterar a necessidade de entregar também as redes sociais ao serviço do Senhor. **IV**

Referências

¹ H. Richard Niebuhr, *Cristo e Cultura* (Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1951), p. 67.

² Niebuhr, *Cristo e Cultura*, p. 227.

³ Jean M. Twenge, *iGen: Por que as crianças de hoje estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes e completamente despreparadas para a vida adulta* (São Paulo: nVersos, 2018).

⁴ Ellen G. White, *O Outro Poder* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010), p. 39.

⁵ Ellen G. White, *O Outro Poder*, p. 40, 41.

⁶ *Ibid*, p. 45.

⁷ *Ibid*, p. 45, 46.

⁸ *Ibid*, p. 44.

RAFAEL ROSSI

Líder de Comunicação para a Igreja Adventista na América do Sul



PREGUE A PALAVRA

Elementos fundamentais na preparação de mensagens que fortalecem a fé e transformam o coração

Geraldo Beulke Júnior

Vivemos numa época em que sistemas filosóficos e culturais têm alcançado êxito em tornar as ideias religiosas menos significativas e as instituições religiosas mais marginais.¹ A estratégia inimiga se vale não apenas da secularização, mas especialmente de uma espiritualização fútil. Deus, porém, tem Seus métodos para chamar pecadores ao arrependimento e edificar a igreja.

A pregação bíblica tem sido um dos meios utilizados pelo Espírito Santo para convencer a humanidade “do pecado, da justiça e do juízo” (Jo 16:8). Afinal, “é o Espírito que envolve a pessoa numa santa atmosfera e fala ao pecador mediante palavras de advertência, indicando-lhe Aquele que tira o pecado do mundo”.² Desde Enoque (Jd 14) e Noé, “pregador da justiça” (2Pe 2:5), até os apóstolos (1Tm 2:7), pais da igreja, apologetas, reformadores e o pastorado contemporâneo, o ministério da pregação tem sido o construtor de pontes entre a revelação divina e a ética humana.

Dada a importância desse ministério para a vida da igreja e o resgate dos perdidos, o objetivo deste artigo é refletir em como nossos púlpitos podem apresentar melhor a Palavra de Deus, oferecendo às congregações sermões que carreguem o selo da autoridade bíblica, que sejam criativos, motivadores e relevantes em sua aplicação para a vida.

Autoridade

Sermões nascem do encontro do pregador com a Palavra. Como pastores, precisamos conhecer as necessidades de nossas congregações. No entanto, um sermão somente suprirá adequadamente tais necessidades se tiver brotado de um encontro com a Palavra, quer seja no tempo em que as observamos ou em outro anterior a ele. Os pastores “devem ouvir o que diz o Senhor e perguntar: ‘Qual é a Tua palavra para o povo?’ Seu coração deve estar aberto, de maneira que Deus lhes impressione o espírito. Então eles estarão habilitados para comunicar ao povo a verdade que acabaram de receber do Céu. O Espírito



Santo lhes dará ideias de modo a satisfazer às necessidades dos presentes”.³

Um sermão tem autoridade quando é bíblico. Ele vai além de uma simples leitura do texto da Bíblia. Necessita ser orientado pelo texto. Nesse sentido, o sermão do tipo expositivo é mais eficiente. Escolhemos um trecho, extraímos seu significado considerando a ocasião de sua escrita e a aplicação para a época atual e elaboramos um esboço didático. Ao expor a mensagem para a igreja, procedemos com a leitura do texto na íntegra e, então, seguimos para a exposição, conforme o roteiro previamente elaborado (Ne 8:8).

Os sermões temáticos, obviamente, também têm seu valor e facilitam a compreensão de determinados assuntos. Contudo, o pregador pode ser facilmente seduzido a conduzir o texto a fim de confirmar suas próprias deduções e ideias, em vez de deixar Deus falar a partir das Escrituras. Nos sermões temáticos faz-se necessário um exercício constante de autoconsciência sobre nossa honestidade intelectual no preparo da mensagem.

Mas o melhor que podemos fazer, sempre que possível, é pregar expositivamente para alimentar nossas igrejas e fortalecer nossos púlpitos. Também é muito útil a implementação de uma sequência de temas que permitam ao ouvinte, a partir do texto sagrado, construir gradativamente seu conhecimento sobre o assunto.

Há vários tesouros na Bíblia a ser explorados, com o mesmo significado, mas com diversas aplicações. Menciono aqui alguns que já trazem um esboço praticamente pronto: Isaías 58:1 a 14; Mateus 24; 25; Lucas 15:11 a 32; 24:13 a 35; João 15:1 a 17; Romanos 8; 1 Coríntios 12; 15:35 a 58; Gálatas 5:1 a 25; Efésios 1:3 a 14; 6:10 a 20; Colossenses 3:1 a 4:6; Hebreus 12:1 a 3; 1 João 1:1 a 2:2. Quanto ao preparo dos sermões, há um excelente capítulo, de autoria de John Stott,⁴ que pode ajudar a resgatar o hábito de debruçar-se sobre o texto bíblico para dar-lhe voz no púlpito. Paulo resumiu bem esse ponto, quando exortou Timóteo: um obreiro aprovado maneja bem a Palavra da verdade (1Tm 2:15) e a expõe (1Tm 4:3).

Criatividade

Ao mesmo tempo que Ellen White instruiu a não fazer uso de “linguagem florida, contos agradáveis ou anedotas impróprias”,⁵ ela advertiu que “quando um pastor sente que não pode diversificar a maneira habitual de sua mensagem, o efeito dela é pouco mais do que o de um sermão lido. Discursos sem vida, formais, contêm pouco do poder vitalizante do Espírito Santo”.⁶

A criatividade deve estar a serviço da didática. Ela pode ser utilizada de diversas maneiras, a fim de abrir caminho para o conteúdo e fixá-lo na mente dos ouvintes. Por exemplo:

Ilustrações com objetos: uma corda de 15 metros pode ter a ponta pintada em 20 centímetros de vermelho para indicar nossa vida, enquanto o restante representa a eternidade. O pregador estica a corda através do corredor central do auditório, deixando claro o contraste entre o passageiro e o eterno, levando à reflexão sobre quanto investimos no passageiro em detrimento da eternidade

Imagens: ilustrações, desenhos ou figuras que permitam a visualização do cenário bíblico ou que reforcem a ideia que está sendo trabalhada na argumentação.

Títulos e introduções que cativem a atenção: um pregador decidiu expor o cântico de Moisés e anunciou o título da mensagem como “A Melodia da Vitória”. Relatou como acordava nas manhãs de domingo, quando criança, ao som dos carros de Fórmula 1. Em seguida, lembrou o clima de expectativa pela bandeira quadriculada. Nesse momento, a equipe de som fez tocar o tema das vitórias de Ayrton Senna. Até as gerações posteriores ao atleta brasileiro puderam sentir naquela melodia um elemento de triunfo, de celebração, mesmo sem terem vivido naquele tempo. Então, fez a conexão com o cântico de Moisés, o qual não presenciamos, mas que pode nos contagiar com o triunfo da gratidão pela vitória em Cristo.

Testemunhos que fortaleçam a mensagem pregada: combinar previamente com pessoas que tenham experiências dentro do tema abordado e conduzir uma entrevista rápida, que contagie os ouvintes a fortalecer a fé, crescer em fidelidade e buscar a superação. Sejamos criativos, mas não nos esqueçamos de ser relevantes!

Relevância

A relevância da pregação depende de sua abrangência de temas, tendo em vista a característica heterogênea da congregação e de como o que foi exposto a partir do texto se aplica à vida cotidiana. Um calendário homilético, planejado ao final do ano corrente para ser usado no próximo, é a maneira mais apropriada de atender as necessidades da igreja e as exigências da Palavra.

Os anciãos reunidos, sob a liderança pastoral, devem definir a ênfase do púlpito em cada mês ou bimestre do ano, abordando temas sobre doutrina, família, profecia, relacionamentos, estilo de vida, livros bíblicos e outros assuntos teológicos. Nessa dinâmica, os pregadores devem ser convidados e informados do tema e sua ênfase com antecedência suficiente para que possam se preparar de forma adequada, respeitando a sequência do calendário.

Tão importante quanto a abrangência dos temas é sua aplicação à vida dos membros durante a exposição da Palavra. Assim temas abrangentes se tornam específicos quando aplicados de forma individual para a edificação dos membros do corpo de Cristo.

É importante lembrar que, enquanto a interpretação fidedigna, expondo o que o autor pretendeu, fornece a autoridade do sermão, a aplicação aos nossos dias garante sua relevância. O texto de Filipenses 2:1 a 30, por exemplo, poderia ter a seguinte aplicação: “Quando pensamos que merecemos mais ou que somos mais, seria bom olhar para o exemplo de Jesus e também daqueles que colocaram os interesses de Deus e do próximo acima dos interesses próprios: Paulo, Timóteo e Epafrodito.”

Interpretar o texto, sem aplicá-lo à vida dos ouvintes, é como tocar a campainha e sair correndo antes que alguém abra a porta. Aplicar é muito importante porque a Bíblia não foi dada para informar, mas para transformar pessoas.

Portanto, nessa época de futilidades, “permitam que a Palavra de Deus fale ao coração de vocês. Deixem que os que têm ouvido falar apenas de tradição, teorias e máximas humanas ouçam a voz Daquele que pode renovar a alma para a vida eterna”.⁷

Referências

¹ Mark Shaw, *Lições de Mestre* (São Paulo: Mundo Cristão, 1997), p. 130.

² Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), p. 155.

³ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 165.

⁴ John Stott, *Eu Creio na Pregação* (SP: Vida, 2003), p. 225.

⁵ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 155.

⁶ *Ibid.*, p. 165.

⁷ Ellen White, *Profetas e Reis* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), p. 626.

GERALDO BEULKE JÚNIOR
pastor em Tatuí, SP



TEMPO DE DESPERTAR

Reavivamento e reforma na mensagem de Malaquias

L. R. Van Dolson

O livro de Neemias descreve o que provavelmente tenha sido a última grande reforma entre o povo de Israel. Com seu zelo característico, ele se dispôs a restaurar a fidelidade a Deus. O relato bíblico declara que todo o povo de Judá trouxe “os dízimos do cereal, do

vinho e do azeite aos depósitos” (Ne 13:12).

No entanto, algum tempo depois, o livro de Malaquias relata que devido ao egoísmo, tanto do povo quanto dos sacerdotes, à negligência geral em relação ao templo e às responsabilidades religiosas, os israelitas tiveram uma nova queda em seu

relacionamento com o Senhor. O fracasso deles em cumprir o propósito divino é claramente percebido nas severas advertências feitas pelo profeta Malaquias.

Sabemos pouco sobre esse último profeta do Antigo Testamento. O nome hebraico traduzido em português como



Malaquias significa literalmente “Meu mensageiro”. Alguns comentários sugerem que, em vez de ser um nome próprio, o termo “Malaquias” pode ser uma abreviação de *mal’akiyah*, ou “mensageiro de Jeová”, sendo, portanto, mais um título ou descrição da função do que um nome.

O livro conhecido por esse nome é normalmente datado do fim do 5º século a.C. Malaquias é chamado de o “Sócrates hebreu”, uma vez que ele introduz na Bíblia um novo estilo de discurso, conhecido como método didático-dialético de escrita. Embora suas mensagens sejam de condenação em relação às atitudes laodiceanas dos judeus durante o período anterior à vinda do Messias, os últimos quatro versos do último capítulo do livro esboçam a expectativa do cumprimento de uma grande promessa de reforma espiritual a ocorrer antes do “grande e terrível Dia do Senhor”. Portanto, tudo isso não deve deixar dúvidas quanto à importância desse livro para os laodiceanos da igreja remanescente.

Após breve introdução no capítulo 1, a maior parte do livro adota uma dialética que consiste, por um lado, em advertências de Deus e, por outro, nas presunçosas negações do povo. De Malaquias 1:1 a 3:15 há oito dessas sentenças dialéticas. Na versão Almeida Revista e Atualizada, das oito respostas do povo, seis iniciam com a expressão “em que”. Na primeira delas, Deus diz claramente: “Eu vos tenho amado” (Ml 1:2). Em vez de estarem maravilhados com o interesse e o cuidado de Deus para com eles, os israelitas haviam se tornado maldizentes, ingratos e desrespeitosos, dizendo: “Em que nos tens amado?” Quão rapidamente eles tinham se esquecido do milagre do retorno do exílio e das generosas provisões divinas para com suas necessidades!

Apesar dessa resposta arrogante, Deus, de maneira amorosa, continuou insistindo em Seus argumentos. Como evidência de Seu amor Ele lembrou ao povo os contrastantes destinos dos descendentes de Esaú e de Jacó. Seu cuidado e Sua preocupação são vistos no fato de a punição de Jacó ter sido uma punição de amor. Ela foi temporária e para um propósito determinado. Mas Esaú sofreu com as consequências da rejeição e rebeldia contra Deus.

Em Malaquias 1:6, o mensageiro inicia sua ofensiva contra os sacerdotes. Aqui também encontramos a segunda fase do

diálogo entre Deus e Seu povo. Deus declara que, em vez de demonstrar a honra que um servo deve a seu senhor ou um filho a seu pai, Seu povo estava desprezando Seu nome. É claro que eles estavam tão cegos espiritualmente, e com o coração distante do Senhor, que não conseguiam nem mesmo reconhecer o que estavam fazendo.

Com um ar de inocência ferida, eles responderam: “Em que desprezamos nós o Teu nome?” Parece que estavam completamente alheios às suas fraquezas e erros. No verso 7, Deus responde pacientemente mostrando que ofereceram pão contaminado em Seu altar. A resposta deles, que já era de se esperar, foi uma evidência de sua insensibilidade espiritual: “Em que Te havemos profanado?”

Deus então detalhou os pormenores da profanação deles. Por suas ações, se não por suas palavras, eles tratavam a mesa do Senhor como algo desprezível. Aparentemente, ofereciam sacrifícios de animais cegos, aleijados e doentes. Deus lembrou-lhes de que nem sequer apresentariam tal oferta a um governador. Os versos seguintes indicam como o povo havia perdido o senso da santidade e do significado do serviço do santuário. Eles diziam: “Que canseira!” (v. 13).

Na primeira parte de Malaquias 2 nos deparamos com a reprovação divina sobre os sacerdotes. Eles estavam falhando no cumprimento dos termos da aliança feita por meio de Levi. Deus esperava que eles zelassem pela Sua lei, que a iniquidade não fosse achada em seus lábios, que andassem com Deus em paz e retidão e resgatassem muitos dos caminhos da maldade. Eles deviam ser mensageiros do Senhor. No entanto, Ele precisou repreendê-los: “Mas vós vos tendes desviado do caminho e, por vossa instrução, tendes feito tropeçar a muitos; violastes a aliança de Levi” (v. 8).

Denúncias contra o povo

Malaquias reprovou severamente o povo por sua idolatria, adultério, infidelidade, rebelião e sacrilégio. Sua religião

havia se tornado fraca porque eles haviam mergulhado em uma religiosidade formal e mecânica sem nenhum significado transformador na vida. A pior parte é que eles sequer percebiam isso.

Como consequência, Deus Se recusou a aceitar suas ofertas e seus sacrifícios. Então, eles O desafiaram com a pergunta: “Por quê?” Com paciência, Ele respondeu que o povo tinha cometido adultério, tanto no aspecto literal quanto espiritual. Chegaram a ponto de cansar o Senhor com suas palavras (v. 17). Nem mesmo Sua terrível condenação os impressionou. Em tom ofendido, eles responderam: “Em que O enfadamos?” Deus respondeu: “Vocês não sabem nem sequer a diferença entre o bem e o mal. Vocês parecem não se dar conta de que Eu Sou um Deus de justiça e juízo.”

Descrição do juízo final

Malaquias 3:1 a 3 retrata uma cena vívida do juízo final. Cristo virá em justiça e juízo para lidar com o pecado deles. Malaquias O descreveu indo subitamente ao Seu templo (v. 1). Claro que o profeta não faz distinção entre a primeira e a segunda vindas de Cristo. Ele veio literalmente ao templo durante Sua primeira vinda, mas Malaquias aponta para um cumprimento ainda maior, descrevendo o juízo com as expressões “fogo do ourives” e “sabão dos lavandeiros”. Ele “purificará os filhos de Levi e os refinará como ouro e como prata” (v. 3). Isso aponta para a obra de Cristo no santuário celestial durante o juízo investigativo.

Com a advertência do juízo iminente, Deus apelou ao Seu povo para que voltasse para Ele (v. 7). De que maneira o povo respondeu? Cegamente questionou de modo evasivo: “Em que havemos de tornar?” Então Deus apresentou algo específico. Ele perguntou: “Vocês conseguem imaginar um homem roubando a Deus? Porém vocês estão Me roubando”. O povo respondeu: “Em que Te roubamos?” Imediatamente, Deus respondeu: “Nos dízi- mos e nas ofertas” (v. 8).

Os israelitas haviam trocado Deus pelos bens materiais e, fazendo isso, deixaram de receber bênçãos materiais e espirituais. A todo aquele que demonstra ser fiel nos dízi- mos e nas ofertas, o Senhor promete não somente abençoar e abrir as janelas do Céu, mas também repreender o devorador.

O diálogo final do capítulo 3 revela ousadia e rebelião. Deus repreendeu os israelitas com a seguinte declaração: “As vossas palavras foram duras para Mim” (v. 13). E o que eles responderam? Conforme poderíamos esperar: “Que temos falado contra Ti?” Eles não conseguiam perceber a questão. Note que “nos primeiros confrontos” Deus lidou com as ações deles, mas dessa vez Ele Se aborreceu com suas palavras. Além disso, eles culpavam Deus por seus problemas: “Inútil é servir a Deus; que nos aproveitou termos cuidado em guardar os Seus preceitos e em andar de luto diante do Senhor dos Exércitos?” (v. 14). O que mais o Senhor pode fazer por aqueles que se recusam a reconhecer seus erros?

Em meio ao caos espiritual do povo, Malaquias trouxe uma mensagem de esperança e conforto àqueles que eram fiéis ao Senhor. Ele destacou o fato de que Deus Se lembrava de seu serviço dedicado. Ele tinha um “memorial escrito” no qual mantinha o registro da fidelidade deles. Com certa satisfação, Deus apontou para eles e disse: “Eles serão Meu povo [...]. No dia em que Eu agir, eles serão Meu tesouro especial. Terei compaixão deles como o pai tem compaixão de seu filho obediente. Então vocês verão outra vez a diferença entre o justo e o mau, entre o que serve a Deus e o que não serve” (v. 17, 18, NVT).

A chave para todo o livro

Acredito que esse último verso seja a chave para todo o livro. Enquanto permitirmos que a maldade e o orgulho nos ceguem, não poderemos discernir entre o bem e o mal, ou entre o justo e o perverso. Questionaremos continuamente a justiça de Deus e Seu trato conosco. Mas quando

nos voltamos para o Senhor, Ele nos oferece o colírio do Espírito Santo, que nos capacita a ver e nos afastar do mal.

O maior período de proximidade com Deus e a vitória sobre o pecado e seus efeitos em nosso mundo ainda estão por vir. Diante de um mundo que abandonou a moralidade bíblica e que se caracteriza por um severo “abismo entre gerações”, o povo de Deus descobrirá que, por meio do compromisso total e completo amor a Jesus, o coração dos pais se converterá aos filhos e o coração dos filhos a seus pais (Ml 4:6).

O Sol da Justiça nascerá e será visto em nossa vida trazendo “salvação nas suas asas” (Ml 4:2). O poder curador e restaurador de Cristo nos tornará plenos física, mental, social e espiritualmente, e o mundo verá a beleza de Seu caráter refletido na vida de Seu povo.

Desde a época de Malaquias até o tempo em que essa profecia foi parcialmente cumprida, por ocasião da primeira vinda de Cristo, a voz profética foi silenciada. Para Deus, qual seria a utilidade de enviar mensagens adicionais para aqueles que se recusavam a reconhecer qualquer erro? No entanto, as promessas de Malaquias 4 estiveram e ainda estão esperando pela unção do colírio divino que habilitará Seu povo a ver sua necessidade real e clamar pelo poder do Espírito Santo em Sua plenitude.

Entre os escritos dos profetas menores frequentemente negligenciados, encontram-se algumas das mensagens mais apelativas, majestosas e significativas que Deus transmitiu nas Escrituras. Esses profetas ministraram em tempos de decadência moral e espiritual semelhante aos que vivemos atualmente. Em seus escritos encontramos um vibrante chamado à reforma e ao reavivamento que tão desesperadamente necessitamos hoje. **M**

L. R. VAN DOLSON

ex-editor da revista *Ministry*

LIGAÇÃO IMPROVÁVEL

Nascido na Letônia e convertido ao adventismo pela leitura do livro *Vida de Jesus*, o pastor Geraldo Marski (1913-2010) foi um exemplo de motivação espiritual e entusiasmo. Sua presença era contagiante. Tive o privilégio de conhecê-lo, desfrutar de suas mensagens e seus conselhos. Sua dedicação à obra do Senhor não conheceu limites. Seu legado ministerial deixou um rastro luminoso que motivou muitos a ingressar nas fileiras do sagrado ministério, inclusive seus três filhos. No livro *Primeiro o Reino de Deus*, editado pela Casa Publicadora Brasileira, encontram-se algumas das histórias, como a que segue, que compõem a trajetória inspiradora desse obreiro do Senhor.

Juntamente com o pastor José Passos, presidente da Associação Paraná-Santa Catarina, visitei uns membros que residiam a 12 quilômetros da cidade de Wenceslau Braz, no Paraná. Visitas, batismos e cultos especiais fizeram parte do nosso roteiro desde a quarta-feira até a manhã de sexta-feira. Nosso presidente gostava de animais e entreteve-se observando o gado. Se bem que eu o avisasse com insistência sobre o horário do ônibus, não conseguimos tomá-lo. Isso era uma tragédia, pois havia somente um ônibus por dia até Wenceslau Braz, onde teríamos que tomar um trem para Jacarezinho, porque lá mais reuniões e visitas nos aguardavam. Para aliviar as tensões, resolvi brincar de fé.

“Que fazer, pastor?”, perguntou-me o presidente. “É simples”, respondi. “Vamos telefonar e pedir ao irmão Donato que nos venha buscar.”

“Telefonar onde, Geraldo?”, indagou ele em tom meio elevado.

“Veja! É só usar os cipós da figueira”, eu disse.

“Deixe de brincadeira, Geraldo. Não vê que estou nervoso?”

“Ora, pastor Passos, o irmão não crê em milagres? Não se lembra de que o profeta Eliseu fez flutuar um machado jogando um pau no rio?”

Peguei, pois, nas pontas dos cipós e disquei, segurando-as no ouvido: “Irmão Donato, perdemos o ônibus e de qualquer maneira temos que tomar o trem das 11 horas. Por favor, peça emprestado o carro do seu vizinho e venha nos buscar. Obrigado.”

Pendurei o cipó no lugar e voltei para perto do presidente, que continuava sério. Mas o milagre aconteceu. Logo ouvimos o ronco do velho “fordeco”. O irmão Donato e seu vizinho vinham em nossa direção. Ao parar o carro, foi logo dizendo:

“Vamos logo, pastores! Pedi ao chefe da estação, que é um grande amigo meu, para atrasar o trem e, se tudo correr bem, vocês conseguirão viajar para Jacarezinho. Interessante! Quando eu vi o ônibus chegar sem vocês, tive como que um estalo nos ouvidos. Corri na casa do meu vizinho e pedi que ele viesse comigo buscá-los.”

Ao chegarmos à estação, o trem nos esperava.¹

Em um editorial da *Revista Adventista* escrito em homenagem ao pastor Marski, o pastor Rubens Lessa destacou “três qualidades que o Espírito Santo desenvolveu nele: dedicação, fé e otimismo”.² Que essas marcas sejam encontradas em todos nós que nos dedicamos ao ministério. **M**

Referências

¹ Odete G. Lima, *Primeiro o Reino de Deus* (Tatui, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1991), p. 95, 96 (texto atualizado).

² Rubens Lessa, “Geraldo Marski”, *Revista Adventista*, set. 2010, p. 2.

MÁRCIO NASTRINI
editor associado da
Ministério



BALANÇA EMOCIONAL

Como lidar com o déficit relacional no ministério

Roger Hernandez



Meu pai foi pastor. Quando eu era adolescente, ele cuidava de sete congregações e uma escola confessional, o que significava que nunca estava em casa. Eu sempre prometi que seria diferente. Então me casei, tive filhos e fiz exatamente o oposto do que havia prometido. Eu também tinha um distrito com várias igrejas e uma escola. Infelizmente, segui o mesmo caminho de meu pai.

Conciliar o trabalho pastoral com a família é um desafio. Digo isso a partir de minha experiência. Nos primeiros 10 anos de ministério, fui um pastor produtivo e um marido terrível. Negligenciei minha esposa. Passei a responsabilidade de criar meus filhos àqueles que cuidavam deles. Era bem-sucedido no trabalho e um fracasso em casa. Eu feri minha família. Minhas prioridades estavam invertidas. Essa é minha história, mas não precisa ser a sua. O Senhor atuou em minha vida e eu aprendi com meus erros. Ele realizou algumas mudanças em mim. Com o tempo, descobri que estava sofrendo de déficit relacional.

Definição

A palavra déficit é utilizada em disciplinas como economia e contabilidade para indicar uma condição na qual há um descompasso entre despesas e receitas. Assim, déficit relacional poderia ser definido como o resultado de atividades diárias, relacionamentos e decisões que reduzem a energia, a visão e o otimismo sem nenhum tempo para recuperação; ou seja, é quando você dá muito mais de si do que recebe.

Deixe-me dar um exemplo pessoal para ilustrar a que nível o déficit relacional pode chegar. Lembro-me de uma sexta-feira chuvosa, por volta das dez da noite, quando minha filha tinha apenas cinco anos. Minha esposa havia levado vários adolescentes para a residência deles, depois de uma reunião de pequeno grupo em nossa casa. Enquanto isso, eu aguardava o líder de uma pequena igreja que estávamos plantando, que iria me buscar para um retiro espiritual. Quando ele chegou, minha esposa ainda não estava em casa. Ele então me apressou, dizendo que tínhamos que sair, pois os membros estavam esperando por mim. Naquele momento, eu estava entre duas alternativas e precisava tomar uma decisão: esperar minha esposa voltar para casa ou deixar minha filha sozinha enquanto ela não chegasse.

Minha semana tinha sido muito difícil. O irmão me pressionava para sair, e eu precisei considerar rapidamente minhas opções. Tomei a decisão errada. Dei uma naninha à minha filha, coloquei um vídeo de “Os Vegetais”, beijei-a e deixei-a “rapidinho”, até que minha esposa chegasse. Pouco depois, relâmpagos e trovões cortavam o céu, as árvores balançavam assustadoramente com a força do vento e a chuva açoitava as janelas de casa. Minha esposa ficou presa na estrada por uma hora, porque uma árvore caiu e bloqueou o caminho. Enquanto isso, minha filha permanecia sozinha. Para piorar, houve queda de energia elétrica. Em vez de o pai dela estar ao seu lado para protegê-la da tempestade, dizendo-lhe que tudo ficaria bem, ela

estava sozinha em uma casa grande e vazia, naquele momento escuro. E eu estava “cumprindo os deveres do ministério”, na igreja que estava plantando...

O déficit relacional causou negligência parental. Descobri que o ministério é estressante e que, se não tivesse cuidado, afetaria diretamente minha família. Esse não é um caso isolado. Muitos líderes e pastores têm problemas em casa que são ignorados, relegados ou esquecidos, mas é importante lembrar que problemas privados afetam o trabalho público, geralmente no pior momento. E muito disso pode ser explicado pelo déficit relacional.

Depósitos e saques

John Townsend* menciona sete tipos de pessoas com quem todos nós nos relacionamos. Algumas delas fazem depósitos em nossa conta emocional, outras fazem saques. Podemos avaliar o impacto que essas pessoas têm sobre nosso ministério. Vejamos:



Mentores

São aqueles que estão aonde você quer chegar. Eles já passaram por esse caminho chamado ministério. Como bons líderes, eles podem motivar, aconselhar e evitar dores desnecessárias. Fico surpreso ao saber que há pastores que pensam que pedir conselhos os farão parecer fracassados. Eles preferem o silêncio do orgulho aos conselhos que levam ao sucesso. Mentores são necessários. Quem é essa pessoa para você? A quem você pode se dirigir com regularidade, sabendo que essa pessoa está disposta a investir em seu crescimento?



Amigos

São pessoas com quem você compartilha a vida. São aqueles que o conhecem muito bem e ainda assim o amam. Você não precisa fingir na frente deles. É consenso que o ministério é uma vocação solitária, mas isso não precisa desencorajá-lo. Você precisa de amigos, além de sua esposa. Quem são seus verdadeiros amigos? Para quem você pode ligar e desabafar, sabendo que essa pessoa vai ouvi-lo sem julgá-lo? Os verdadeiros amigos depositam em nossa conta relacional, porque nos sentimos aceitos e amados, mesmo quando as coisas não estão indo bem.

podemos passar tempo, é importante. Mais do que qualquer outro dos sete tipos de pessoas com quem nos relacionamos, eles entendem o que é ser pastor. Com qual colega você se relaciona bem? Com quem você pode compartilhar ideias e estratégias, conhecimentos ou dúvidas? Esse tipo de relacionamento pode proporcionar bons depósitos ou grandes retiradas. As pessoas com quem você trabalha podem melhorar sua vida ou ser-lhe um espinho na carne!



Dependentes

São pessoas que estão sob seus cuidados. No caso do pastor, são membros e líderes de suas igrejas. Você é designado a cuidar deles e fornecer-lhes orientação, liderança e visão. Nessa relação, você investe muito de si e não obtém retorno imediato. Vê-los crescer espiritualmente e como líderes é uma grande satisfação, mas é preciso esforço, tempo e paciência, especialmente quando são pessoas difíceis. Observe que eu não disse que sejam pessoas más! Geralmente elas sacam mais do que depositam em nossa conta emocional.



Conhecidos

Ano passado nossa casa se tornou um ninho vazio. Nossos filhos cresceram e estão se estabelecendo em outros lugares. O tempo que dedicávamos a eles agora está livre. "O que fazer?", perguntei-me. Como sempre gostei de jogar beisebol, inscrevi-me em um time composto de jogadores com mais de 50 anos. Esses são meus conhecidos. Pessoas com quem passo algum tempo, mas que não são meus amigos.

Elas geralmente são agradáveis, não têm muitas expectativas sobre mim e me permitem relaxar. De que atividades sociais ou recreativas você participa? Você tem algum conhecido com quem pode tomar uma refeição? Geralmente os conhecidos fazem pequenos depósitos em nossa conta relacional. Estes são bem-vindos, mas não podemos sobreviver tendo apenas conhecidos em nossa vida.



Reincidentes

São pessoas da família ou do trabalho que, por mais que você explique, ajude ou motive, não aprendem. Elas pedem conselhos, ouvem as orientações que você lhes dá, concordam em seguir suas instruções, mas saem e fazem exatamente o contrário. Elas têm problemas crônicos com drogas, dinheiro, sexualidade, entre outros. Não são más pessoas, mas não aprendem. Não fazem depósitos em nossa conta emocional, mas retiram muito. Não sabem o que significam limites. Portanto, se você não tomar



Colegas

São pessoas que trabalham com você. Eles podem ser uma faca de dois gumes. Alguns ocupam o duplo papel de amigo e colega e fazem depósitos em nossa conta relacional. Outros são hostis a nós, fazendo saques. Ter bons colegas, com quem

cuidado, poderá passar muito tempo ajudando-as nas diferentes crises em que se envolvem. Os reincidentes desgastam, mas não tão rápido quanto os problemáticos.



Problemáticos

Certamente, essas pessoas consomem rapidamente seu capital relacional. Elas querem machucá-lo. Por isso, são ávidas para saber como podem arruinar sua vida. Fazem escândalos, enviam mensagens hostis e odeiam você. Um só problemático pode causar mais danos em sua conta emocional do que os seis tipos anteriores podem ajudá-lo. Você nunca conseguirá agradar essas pessoas. Sugiro que, se for possível, dê a elas aquilo que Jon Acuff chama de “o presente da distância”. Bloqueie-as nas redes, documente as conversas e, se possível, tire-as de sua vida. O contato regular com elas desgasta e estressa. Nosso problema é que pensamos que, se os problemáticos nos dessem tempo suficiente, poderíamos convencê-los a ver as coisas do nosso jeito e entender que somos boas pessoas. Isso quase nunca ocorre. O que acontece quando gastamos energia com os problemáticos é que privamos os outros seis relacionamentos de nosso melhor esforço. Quem você identifica como problemático? Que medidas você está tomando para limitar a influência dessa pessoa em sua vida?

Esses são os sete tipos de relacionamentos que você tem no momento. A maneira mais fácil de saber se você sofre com déficit relacional é analisar quanto tempo você passa com os quatro primeiros em relação ao tempo que passa com os três últimos. Quanto mais tempo passamos com quem faz depósitos, melhor!

Saldo negativo

O que acontece quando passamos a viver em déficit relacional? Gostaria de apresentar três consequências.

Diminuição do domínio próprio. Quando seu saldo emocional está negativo, você fragiliza seu domínio próprio, prejudicando, assim, sua capacidade de tomar boas decisões e aumentando a probabilidade de fazer más escolhas. Uma pessoa com déficit relacional geralmente se alimenta mal e acaba navegando por mares poluídos nas redes sociais. Esses comportamentos nada mais são do que estratégias de fuga da realidade.

Impacto sobre aqueles a quem amamos. Quando converso com pastores e líderes denominacionais que estão enfrentando desafios devido ao déficit relacional, dificilmente ouço as frases “minha igreja entende” ou “minha Associação entende”. Sempre pensamos (e eu pensava assim) “minha família entende”. Quando estamos vivendo em déficit relacional, magoamos profundamente aqueles a quem mais amamos. Devemos ter como objetivo de vida ser respeitados e queridos por aqueles que nos conhecem profundamente. Isso não acontece quando chegamos transtornados em casa, com nossa bateria relacional em torno de 5%. Lembre-se de que, um dia, as pessoas que o estressam hoje não estarão mais em sua vida, mas sua família estará com você até o fim.

Comportamento cínico. O cínico de hoje é o otimista de ontem que sofreu um desfalque relacional do qual nunca se recuperou. O cínico diz: “Eu sei como essa história termina.” Quando nossa conta emocional fica no vermelho, começamos a nos ressentir das mesmas pessoas que deveríamos servir. Uma das consequências do cinismo é que ele mata a criatividade, e o ministério demanda que sejamos criativos. Líderes cínicos criam seguidores sem compromisso. Por isso é importante nutrir relacionamentos saudáveis para manter um grau contínuo de otimismo que inspira as pessoas ao seu redor, especialmente sua família.


Quantos filhos de pastores não estão mais na igreja porque viram cinismo em seu lar e associaram a igreja e a religião à negatividade?

Conclusão

Que fazer? Agora que você conhece os tipos de relacionamento que existem pode começar a ser mais intencional quanto aos depósitos e saques que faz em sua conta emocional. O caminho não é fácil, mas o que foi feito até agora pode ser melhorado. Quero compartilhar uma pequena experiência que espero que o encoraje.

Certa vez minha esposa me disse: “Sempre fazemos encontros de casais e pregamos sobre família; então, por que não vamos a um retiro para aprender e crescer?” Foi uma excelente ideia, um bom momento para fazer depósitos emocionais. Separamos um fim de semana para ir a um encontro de casais. Sem responsabilidades nem sermões a ser pregados. Nada para ajustar, apresentar ou preparar. Foram 72 horas de crescimento matrimonial.

Tomamos duas decisões importantes naquele fim de semana. A primeira foi aumentar o número de nossos encontros românticos. Tínhamos um por mês, mas decidimos aumentar para um por semana. O outro era jejuar pelos nossos filhos uma vez por semana. São jovens adultos que precisam intensamente de nossas orações. O investimento valeu a pena!

Finalmente, e talvez não tenha se dado conta disso, a igreja existiu por muito tempo sem você e continuará existindo após sua partida. Sua família, por outro lado, não pode viver sem você. Pense nisso! 

Referência

*John Townsend, *People Fuel* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2019).

ROGER HERNANDES

secretário ministerial e evangelista para o sul dos Estados Unidos



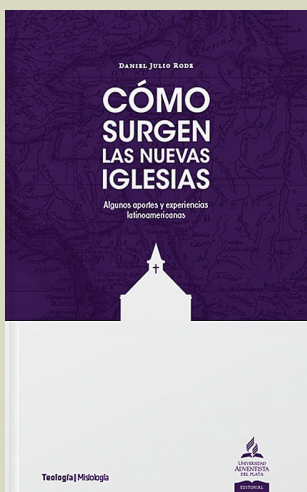


¿Podemos Adelantar la Segunda Venida?

Marcos Blanco, ACES, 2020, 224 p.

A Igreja Adventista surgiu como um movimento escatológico, com uma ênfase clara na segunda vinda de Cristo. No entanto, esse evento ainda não se concretizou. Essa “aparente demora” tem suscitado algumas indagações: Existe um atraso? Podemos antecipar a segunda vinda? A fim de lidar com essas perguntas, basicamente duas respostas têm sido apresentadas. Alguns acreditam que Jesus ainda não veio porque está esperando que Seu povo se consagre e testemunhe diligentemente; isto é, acreditam que Seu povo é responsável pela Sua demora. Em contrapartida, outros sugerem que Jesus retornará somente quando Ele Se dispuser, e que não há nada que possa ser feito para acelerar ou atrasar o tempo fixado para Sua vinda.

Este livro expõe brevemente as posições conflitantes e analisa o que a Bíblia e os escritos de Ellen White dizem sobre essa tensão.



Cómo Surgen las Nuevas Iglesias

Daniel Rode, Editorial UAP, 3ª edição, 2017, 190 p.

Esta obra de Daniel Rode é fruto de sua experiência de 40 anos como pastor, professor e plantador de igrejas. O material é enriquecido com a história latino-americana da fundação de igrejas e as experiências de centenas de pastores e alunos. Essa condição torna o trabalho relevante no contexto interdenominacional. Os exemplos extraídos da realidade conferem valor prático para pastores, líderes e membros interessados em estabelecer novas congregações.

O livro contém exemplos de como várias igrejas cristãs começaram na América Latina. Ele também aborda a base teológica das “pequenas comunidades religiosas” no Antigo e no Novo Testamentos. Rode reflete sobre o potencial dos jovens para plantar igrejas, especialmente nas cidades; considera a questão: “por que construir mais igrejas?”; e trata das objeções e razões para estabelecer novas congregações. Com exemplos práticos, ele mostra como fazê-lo.



Os Perigos da Interpretação Bíblica

Donald A. Carson, Vida Nova, 2ª edição, 2008, 144 p.

“Falácia” significa fraude ou mentira. O termo também pode ser entendido como um padrão de raciocínio ruim, que aparenta ser bom; embora contenha um erro em si mesmo e leve na maioria das vezes a uma conclusão falsa, tornando o intérprete a primeira vítima de seu próprio engano. Nesse sentido, é possível falar de “falácias exegéticas” na interpretação das Escrituras; isto é, o hábito prejudicial de ir à Bíblia em busca de “apoio” a conceitos particulares previamente estabelecidos, em vez de ir com a mente aberta para examinar e descobrir a verdade.

É muito frequente ver cristãos defendendo todos os tipos de esquisitices doutrinárias e éticas, apoiando-se em citações bíblicas retiradas do seu contexto e dando às Escrituras um sentido contrário ao verdadeiro. Aqui vale lembrar o ditado popular: “um texto fora de seu contexto é um pretexto”. Essa atitude, tão comum quanto ambígua e infeliz, é a que Carson combate nas páginas deste livro. Sua tese centra-se no fato de que quando dois intérpretes da Bíblia aparecem com interpretações incompatíveis sobre o mesmo texto, fica evidente que ambos não podem estar certos.

“Hiperbolismo e hermenêutica social: uma leitura sobre a inclusão social em Filemom”

Revista Hermenêutica, v. 10, Nº 1, 2010, p. 63-75

Adenilton Tavares Aguiar

(<http://www.seer-adventista.com.br/ojs/index.php/hermeneutica/article/view/235>)

O artigo apresenta um breve estudo sobre a condição social dos escravos nos primeiros séculos da era cristã, bem como a preocupação do apóstolo Paulo com essa camada da sociedade. O foco da análise toma como base sua carta a Filemom, um dono de escravos, rico e líder cristão em Colossos, estabelecendo pontes de contato com outras declarações paulinas pertinentes ao assunto.

O autor parte de uma perspectiva histórica, apoiando-se nos trabalhos de estudiosos da questão da escravidão nos tempos do Novo Testamento e demonstrando o desejo do apóstolo na inclusão e ascensão social dos escravos.



“Os ismaelitas modernos e a escatologia cristã”

Revista Kerygma, v. 8, nº 2, 2012, p. 13-42

Carlos Flávio Teixeira

(<https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/106/105>)

Partindo do estudo da etimologia do termo e mostrando a genealogia dos povos ismaelitas, o autor apresenta seu desenvolvimento na história do Oriente para mostrar quem são os ismaelitas hoje em sua relação com a etnia árabe e a religião islâmica. Destaca-se a realidade do ódio histórico nutrido entre árabes e israelenses, atualmente agravado pela escatologia dispensacionalista evangélica, a qual considera os povos árabes um obstáculo potencial à restauração política e religiosa do antigo Israel étnico nacional.

O artigo traz informações bíblicas, históricas e arqueológicas que possibilitam a constatação de evidências acerca da relação existente entre os povos que habitam o Oriente Médio em tempos atuais e os povos ismaelitas mencionados na Bíblia.



“El desarrollo textual de la Torah”

Revista DavarLogos, v. 14, nº 2, 2015, p. 43-56

Emanuel Tov

(<http://publicaciones.uap.edu.ar/index.php/davarlogos/issue/view/16>)

O texto das Escrituras é muito antigo, e não há evidências tangíveis da Bíblia Hebraica anteriores às cópias de Qumran. Ao analisar a transmissão textual nos seus primeiros séculos, tentamos distinguir entre fatos e suposições. Nota-se que o número de ramificações textuais da Torá era muito mais extenso do que o de outros livros bíblicos devido à sua popularidade e seu caráter sagrado especial. A popularidade da Torá resultou nesse grande número de famílias/ramificações do texto, quase todos separados do Texto Massorético e de alguns textos adicionais com características secundárias.

O assunto deste artigo é a transmissão textual da Torá, mas, para examinar esse processo efetivamente, a análise também foi estendida a todos os livros das Escrituras.



OLHE PARA JESUS

Muitos cometem em sua vida religiosa um erro sério por manterem a atenção fixa nos sentimentos próprios, julgando assim seu progresso ou declínio. Os sentimentos não são critério seguro. Não devemos olhar para nosso interior em busca de prova de nossa aceitação diante de Deus. Aí nada encontraremos senão para nos desanimar. Nossa única esperança está em olhar para “o Autor e Consumador da fé, Jesus” (Hb 12:2). Nele há tudo quanto possa inspirar esperança, fé e ânimo. Ele é nossa justiça, nossa consolação e regozijo.

Os que olham para dentro de si mesmos em busca de conforto ficarão fatigados e decepcionados. O senso de nossa fraqueza e indignidade deve levar-nos, em humildade de coração, a aceitar o sacrifício expiatório de Cristo. Ao nos apoiarmos em Seus méritos, encontraremos descanso, paz e alegria. Ele salva perfeitamente todos quantos, por meio Dele, se aproximam de Deus.

Precisamos confiar em Jesus cada dia, a cada hora. Ele prometeu que como são os nossos dias, assim será a nossa força. Por Sua graça, podemos levar todos os fardos do presente e cumprir todos os deveres. Muitos, porém, se preocupam pela antecipação de aflições futuras. Estão continuamente a trazer para hoje as preocupações de amanhã. Assim, grande parte de suas tribulações são imaginárias. Para essas, Jesus não tomou providências. Ele promete graça apenas para este dia. Manda-nos que não nos preocupemos com os cuidados e tribulações de amanhã; pois “basta ao dia o seu próprio mal” (Mt 6:34).

O hábito de ficar pensando em males antecipados não é sábio nem cristão. Assim fazendo, deixamos de desfrutar as

bênçãos e aproveitar as oportunidades do presente. O Senhor exige que cumpramos os deveres do dia de hoje, e Lhe suportemos as provas. Hoje, devemos vigiar a fim de não pecarmos por palavras e atos. Devemos hoje louvar e honrar a Deus. Pelo exercício de uma fé viva hoje, temos de conquistar o inimigo. Precisamos buscar hoje a Deus e estar decididos a não ficar satisfeitos sem Sua presença. Devemos vigiar, trabalhar e orar como se este fosse o último dia a nós concedido. Quão intensamente zelosa, então, seria nossa vida! Quão de perto seguiríamos Jesus em todas as nossas palavras e ações!

Poucos há que apreciam ou aproveitam devidamente o precioso privilégio da oração. Devemos ir a Jesus e contar-Lhe todas as nossas necessidades. Podemos levar-Lhe nossas pequenas preocupações e perplexidades, da mesma forma que as maiores aflições. Seja o que for que surja para nos perturbar ou afligir, devemos levar ao Senhor em oração. Quando sentirmos que necessitamos da presença de Cristo a todo instante, Satanás terá pouca oportunidade de introduzir suas tentações. É seu estudado esforço manter-nos afastados de nosso melhor e mais compassivo Amigo. Não devemos tornar ninguém senão Jesus nosso Confidente. Podemos, com segurança, comunicar-Lhe tudo quanto se acha em nosso coração.

Irmãos e irmãs, quando vocês se reúnem para o culto de oração, creiam que Jesus Se reúne com vocês; creiam que Ele está disposto a abençoá-los. Desviem os olhos de si mesmos; olhem a Jesus, falem de Seu incomparável amor. Contemplando-O, vocês serão transformados à Sua semelhança. Quando orarem, sejam breves, vão diretamente ao ponto. Não preguem um

sermão ao Senhor em suas longas orações. Peçam o pão da vida como uma criança faminta pede pão ao seu pai terrestre. Deus nos concederá toda bênção de que necessitamos, uma vez que Lhe peçamos em simplicidade e fé.

As orações feitas por pastores antes de seus sermões são muitas vezes longas e inadequadas. Abrangem toda uma série de necessidades que não têm relação com o momento ou com as carências do povo. Tais orações são apropriadas para nosso aposento particular, não para serem feitas em público. Os ouvintes ficam fatigados e anseiam que o pastor pare. Irmãos, arrebatem consigo o povo em suas orações. Vão com fé ao Salvador, digam-Lhe do que necessitam nessa ocasião. Deixem que o coração busque a Deus com intenso anelo quanto à bênção necessária na ocasião.

A oração é o mais santo exercício espiritual. Deve ser sincera, humilde, fervorosa; os desejos de um coração renovado, expressos na presença de um Deus santo. Quando o suplicante sente achar-se na presença divina, o próprio eu será perdido de vista. Ele não terá desejo de exibir talento humano; não procurará agradar o ouvido dos homens, mas obter a bênção intensamente ambicionada pela alma.

Se tão somente nos apegássemos à Palavra do Senhor, quantas bênçãos poderiam pertencer-nos! Quem dera houvesse mais oração fervorosa, eficaz! Cristo será o Ajudador de todos quantos O buscam com fé. **M**



Texto extraído de *Testemunhos Para a Igreja*, v. 5, p. 199-201

RIQUEZA IMATERIAL

Sem dúvida, os relacionamentos interpessoais são o maior e mais precioso ativo que um pastor administra. Obviamente, ele também gerencia recursos materiais e organiza atividades e agendas. Contudo, nada disso faria sentido sem a interação pessoal, que dá sentido ao ministério. Em última análise, o pastor foi chamado para levar pessoas aos pés de Jesus, e pouco poderia ser alcançado sem relacionar-se com elas.

Além da relação-chave entre o pastor e suas ovelhas, há outros relacionamentos que o ministro precisa cultivar. A seguir, menciono alguns deles:

Cônjuge. Todo pastor precisa de uma esposa para apoiá-lo, sustentá-lo e ser seu porto seguro. O ministério dificilmente será bem-sucedido se a mulher, além de suas ocupações e seu ministério, decidir não apoiar o trabalho de seu marido.

Amigos. "Em todo tempo ama o amigo, e na angústia se faz o irmão" (Pv 17:17). Precisamos de alguém para nos ouvir, que nos entenda, em quem possamos confiar e que nos alerte sabiamente quando perceber que estamos tomando o caminho errado. Um amigo é isso e muito mais! Às vezes, pode ser necessário encontrar um amigo fora do círculo pastoral.

Exemplos influenciadores. Certamente, Cristo é nosso grande modelo de ministério e espiritualidade, mas também podemos ser influenciados por outros pastores com mais experiência, diferentes dons ou maiores habilidades. Alguém para tomar como parâmetro e exemplo, sendo conscientes de que se trata de outro ser humano, com fraquezas e debilidades comuns a todos. Isso se aplica bem à área da pregação. Não apenas podemos receber benefícios espirituais, mas também aprender muito, ouvindo

O pastor foi chamado para levar pessoas aos pés de Jesus, e pouco poderia ser alcançado sem relacionar-se com elas.

sermões daqueles a quem Deus destacadamente deu esse dom importante.

Parceiros de ministério. Nesse caso, podem ser os anciãos (poucos têm a possibilidade de ter um pastor associado em seu distrito), que trabalham lado a lado com o pastor na tarefa de ministrar aos irmãos. Idealmente, esses parceiros complementam o pastor em seus dons e são pessoas de confiança.

Equipe de oração. A oração é uma das principais armas nesse conflito espiritual em que o pastor desenvolve seu ministério. É essencial ter um grupo de intercessores que oram pelo pastor, por sua família e seu trabalho. Isso pode parecer um detalhe pequeno, mas não é. Forme e mantenha esse grupo ativo. Você vai sentir a diferença!

Discipulador e discipulado. Normalmente, nosso discipulador será alguém com experiência, que já esteve onde queremos estar e está disposto a nos guiar até lá. Todos precisamos de um discipulador. Josué teve Moisés. Marcos tinha Pedro. Barnabé tinha Paulo. Também podemos ser Moisés, Pedro ou Paulo para outros e, assim, completar o círculo virtuoso do discipulado.

Com a orientação do Espírito Santo, você pode desenvolver esses relacionamentos importantes e verá como seu ministério será mais proveitoso, além de fazer a diferença na vida de outras pessoas. **IM**



MARCOS BLANCO
editor da revista *Ministério*,
edição em espanhol

CPB

livraria

CDs | DVDs
 Livros | Bíblias
 Guias de Estudo
 Hinários | Revistas
 Folhetos | Jogos
 Brinquedos

**AMAZONAS
 MANAUS**
SÃO GERALDO
 Av. Constantino Nery, 1212
 (92) 3304-8288 / (92) 98113-0576

**BAHIA
 CACHOEIRA**
FADBA
 Rod. BR 101, km 197
 (75) 3425-8300 / (75) 99239-8765

**BAHIA
 SALVADOR**
NAZARÉ
 Av. Joana Angélica, 1039
 (71) 3322-0543 / (71) 99407-0017

**CEARÁ
 FORTALEZA**
CENTRO
 R. Barão do Rio Branco, 1564
 (85) 3252-5779 / (85) 99911-0304

**DISTRITO FEDERAL
 BRASÍLIA**
ASA NORTE
 SCN | Qd. 1 | Bl. A | Lj. 17/23 - Ed. Number One
 (61) 3321-2021 / (61) 98235-0008

**GOIÁS
 GOIÂNIA**
SETOR CENTRAL
 Av. Goiás, 766
 (62) 3229-3830

**MATO GROSSO DO SUL
 CAMPO GRANDE**
CENTRO
 R. Quinze de Novembro, 589
 (67) 3321-9463

**MINAS GERAIS
 BELO HORIZONTE**
CENTRO
 Rua dos Guajajaras, 860
 (31) 3309-0044 / (31) 99127-1392

**PARÁ
 BELÉM**
MARCO
 Tv. Barão do Triunfo, 3588
 (91) 3353-6130

**PARANÁ
 CURITIBA**
CENTRO
 R. Visc. do Rio Branco, 1335 | Loja 1
 (41) 3323-9023 / (41) 99706-0009

**PERNAMBUCO
 RECIFE**
SANTO AMARO
 R. Gervásio Pires, 631
 (81) 3031-9941 / (81) 99623-0043

**RIO DE JANEIRO
 RIO DE JANEIRO**
TIJUCA
 R. Conde de Bonfim, 80 | Loja A
 (21) 3872-7375

**RIO GRANDE DO SUL
 PORTO ALEGRE**
CENTRO
 R. Coronel Vicente, 561
 (51) 3026-3538

**SÃO PAULO
 ENGENHEIRO COELHO**
UNASP/EC
 Rod. SP 332, km 160 | Faz. Lagoa Bonita
 (19) 3858-1398 / (19) 98165-0008

**SÃO PAULO
 HORTOLÂNDIA**
PARQUE ORTOLÂNDIA
 R. Pastor Hugo Gegembauer, 656
 (19) 3503-1070

**SÃO PAULO
 SANTO ANDRÉ**
CENTRO
 Tv. Lourenço Rondinelli, 111
 (11) 4438-1818

**SÃO PAULO
 SÃO PAULO**
MOEMA
 Av. Juriti, 563
 (11) 5051-0010

**SÃO PAULO
 SÃO PAULO**
PRAÇA DA SÉ
 Praça da Sé, 28 | 5º Andar
 (11) 3106-2659 / (11) 95975-0223

**SÃO PAULO
 SÃO PAULO**
VILA MATILDE
 R. Gil de Oliveira, 153
 (11) 2289-2021

**SÃO PAULO
 TATUI**
LOJA DA FÁBRICA
 Rod. SP 127, km 106
 (15) 3205-8905

CONHEÇA AS LIVRARIAS DA CPB ESPALHADAS
 POR TODO O BRASIL